



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS CAMETÁ**  
**FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZONIA TOCANTINA/FACHTO**

**MATEUS DA SILVA DA COSTA**

**A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DE UMARIZAL,**  
**MUNICÍPIO DE BAIÃO/PA**

**CAMETÁ-PA**

**2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS CAMETÁ**  
**FACULDADE DE HISTÓRIA DA AMAZONIA TOCANTINA/FACHTO**

**MATEUS DA SILVA DA COSTA**

**A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DE UMARIZAL,**  
**MUNICÍPIO DE BAIÃO/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de História da Amazonia Tocantina (FACHTO) do Campus Universitário do Tocantins/UFPA-Cametá, como um dos pré-requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto.

**CAMETÁ-PA**

**2021**

**MATEUS DA SILVA DA COSTA**

**A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA DA COMUNIDADE DE UMARIZAL,  
MUNICIPIO DE BAIÃO/PA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Benedita Celeste de Moraes Pinto**  
**FACHTO/PPGEDUC-UFPA-Cametá**  
**Orientadora**

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Maria de Fátima Rodrigues Nunes**  
**INSA- Cametá-PA**  
**Avaliadora**

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andrea Silva Domingues**  
**PPHIST/ UFSC**  
**Avaliadora**

Dedico esse trabalho aos meu pai, Domingos Miranda da Costa e à minha mãe Maria Darci Lopes da Silva. Aos meu irmão Jhemison da Silva da Costa, as minhas Irmãs, Dilmara da Silva da Costa e Tatiane de Nazaré Lopes da Silva.

Aos habitantes da minha Comunidade Quilombola de Umarizal, no Município de Baião, principalmente, aos mais velhos(as), os(as) sábios(as), que trazem nas suas memórias e nas suas histórias de vida, lutas, resistências, práticas culturais e saberes da minha ancestralidade, que são ensinados para a sua descendência nas vivencias de cada dia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me ajudar a concluir o curso de Licenciatura Plena em História e por me fortalecer durante os momentos de pesquisa e de escrita deste trabalho.

Ao meu pai, Domingos Miranda da Costa, a minha mãe, Maria Darci Lopes da Silva e aos meus irmãos, Jhemison da Silva da Costa, Dilmara da Silva da Costa e Tatiane de Nazaré Lopes da Silva, por todo apoio dispensado durante esse período e sempre.

A todos os meus familiares e Amigos que contribuíram diretamente ou indiretamente em minha jornada acadêmica. E, aos moradores de Umarizal, que com suas narrativas e ensinamentos me ajudaram a tecer as análises deste trabalho. Minha sempre gratidão!

Agradeço aos habitantes da Comunidade Quilombola de Umarizal, pois se não fosse através das lutas das lideranças e da população local em prol de melhorias de educacional para seus filhos, eu não tinha conseguido ingressar nesta importante instituição que é a Universidade Federal do Pará.

Agradeço de todo Coração a minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Benedita Celeste de Moraes Pinto, por ter aceitado me orientar, me indicado inúmeras leituras e me auxiliado para a finalização deste trabalho.

Aos professores, professoras e funcionários da Faculdade de História da Amazônia Tocantina (FACHTO), por todo apoio dispensando ao longo do Curso de História na UFPA/ Cametá.

Meus agradecimentos a Oderlan Martins e Micele Silva, meus colegas também quilombolas, pela parceria e amizade ao longo do Curso de Licenciatura em História, que nos deixaram muito mais fortes diante das inúmeras dificuldades enfrentadas. Valeu apenas, chegamos aqui juntos parceiro(a)!

Externo meus agradecimentos a Coordenação do Campus Universitário do Tocantins que sempre luta incansavelmente para ofertar cursos de graduação em Cametá e nas cidades, onde este Campus possui polos Universitário, como: Baião, Mocajuba, Limoeiro e Oeiras do Pará, possibilitando a entrada de jovens quilombolas, indígenas e ribeirinhos da região.

A todos, que direta ou indiretamente contribuíram para a composição deste trabalho, o meu muito obrigado!

## Meu Quilombo

A vila de Umarizal  
E terra de gente guerreira  
É terra de gente brasileira  
É terra de gente bonita

De gente que brinca  
De gente que dança  
De gente que grita  
De gente que samba

No dia vinte de novembro  
Você não pode faltar  
Pois nosso quilombo  
Vai comemorar

Com muito orgulho  
Estou a pensar  
No dia em que  
Ficamos livres  
Para viver e brincar  
E as pessoas em nossa  
Casa hospedar

Como quilombola é lá que quero estar  
Para crescer com consciência  
E me orgulhar do meu lugar  
Meu quilombo eu quero sempre morar.

(Ykaro, aluno do 4º da E.M.E.F. de Umarizal -Poló)

## SUMÁRIO:

|  |           |
|--|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>   | <b>10</b> |
| <br><b>CAPÍTULO I</b>  |           |
| <b>A HISTÓRIA E A MEMÓRIA DA COMUNIDADE DE UMARIZAL BEIRA.....</b>   | <b>14</b> |
| 1.1 ESCRAVIDÃO, RESISTÊNCIAS E HERANÇAS ANCESTRAIS NEGRAS E INDIGENAS.....                                     | 15        |
| 1.2 .MEMÓRIAS, PROCESSOS DE RESISTÊNCIAS NEGRA E HISTORICIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE UMARIZAL BEIRA..... | 19        |
| 1.3 SAMBA DE CACETE RECORDAÇÃO DE UMARIZAL.....  | 32        |
| 1.4 O TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE UMARIZAL BEIRA.....   | 34        |
| 1.5.LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS: UMA CULTURA ANCESTRAL.....  | 39        |
| <br><b>CAPÍTULO II</b>   |           |
| <b>A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA DE UMARIZAL BEIRA: UMA ANÁLISE ENTRE COMUNIDADE E ESCOLA.....</b>                     | <b>42</b> |
| 2.1 EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: SUAS LUTAS E DESAFIOS.....  | 43        |
| 2.2. A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA COMO RESISTÊNCIA DE SUAS COMUNIDADES E CULTURAS.....                                | 49        |
| <b>RESULTADOS E DISCURSÕES.....</b>  | <b>51</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>55</b> |
| <b>BIBLIOGRAFIA.....</b>   | <b>57</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>   | <b>61</b> |

## RESUMO

O presente trabalho tem como lócus de estudo a Escola Fundamental de Umarizal (POLÓ), localizada na comunidade Quilombola de Umarizal Beira, no Município de Baião, estado do Pará, tendo como objetivo compreender o tipo de educação que vem sendo desenvolvida nesta escola, em especial no ensino da disciplina História, nas Turmas do 8º Ano, visando verificar se há diálogo entre a escola em questão e a realidade na qual a mesma está inserida, ou seja, uma educação quilombola de qualidade que valorize as heranças da ancestralidade negra local, buscando entender quais os principais desafios enfrentados para que ocorra uma educação de qualidade nesta localidade. Da mesma forma, além da constituição de indícios da formação histórica dessa comunidade, busca-se refletir a respeito dos saberes e fazeres dos seus habitantes, na perspectiva de entender de que forma os diferentes saberes estão sendo transmitidos ao longo do tempo. Metodologicamente a pesquisa foi realizada partir de estudos bibliográficos, tendo como base teórica documentos e estudos de autores(as) que se ocupam em debater esta temática, entre os quais destaca-se: BRAGA (2009), CRUZ (2018), GOMES (1993,1995), PINTO (1995, 2001, 2004, 2007, 2010), MINAYO (2003), MOURA (2007), SOUSA (2018), além de outros estudos que se referem a educação em prol da valorização da população negra brasileira, para a qual ainda se verificam inúmeras resistências. No mesmo sentido, também foi realizada pesquisa de campo na povoação de Umarizal Beira, com gravação de entrevistas com os moradores, alunos, e professores da comunidade, assim como também foram realizadas pesquisas nos espaços culturais da comunidade, como na igreja de Santíssima Trindade dos Inocentes a padroeira local, os salão de festas de Umarizal e espaços de lazer onde acontecem as rodas de samba de cacete uma prática cultural e ancestral muito importante para a população quilombola da região. Para tanto, este trabalho fez uso das fontes orais, mediante entrevistas com moradores portadores das lembranças e memórias. Por fim, foram utilizados documentos escritos como: caderno de atividade dos alunos, atas das reuniões da Associação Quilombola local, certidão de regularização da comunidade fornecida pelo governo do Estado do Pará e governo Federal, além de outros, como artefatos da cultura material, imagens fotográficas e mapas. Dados da pesquisa apontaram que em Umarizal existe uma tentativa explícita de buscar resgatar suas raízes e essa sua carga cultural nas aulas, no entanto, dar conta dessa tarefa se torna um pouco complicado dado o currículo que tenta puxar a todo tempo para as outras realidades. Toda via, esse é um trabalho minucioso que requer cuidado, e que ainda vai demandar algum tempo e esforço da comunidade e da escola, para se conseguir fazer realmente uma educação quilombola que seja atribuída aos seus aspectos culturais da comunidade.

**Palavras-chave:** História; Memória, Educação Quilombola; Formas de Ensino.

## ABSTRACT

The present work has as its locus of study the Umarizal Elementary School (POLÓ), located in the Quilombola community of Umarizal Beira, in the municipality of Baião, state of Pará, aiming to understand the type of education that has been developed in this school, in special in the teaching of the subject History, in the 8th Grade Classes, aiming to verify if there is a dialogue between the school in question and the reality in which it is inserted, that is, a quality quilombola education that values the heritage of local black ancestry , seeking to understand the main challenges faced so that quality education can take place in this location. Likewise, in addition to constituting evidence of the historical formation of this community, we seek to reflect on the knowledge and actions of its inhabitants, with a view to understanding how different knowledge is being transmitted over time. Methodologically, the research was carried out from bibliographic studies, having as a theoretical basis documents and studies by authors who are engaged in debating this theme, among which stands out: BRAGA (2009), CRUZ (2018), GOMES (1993 ,1995), PINTO (1995, 2001, 2004, 2007, 2010), MINAYO (2003), MOURA (2007), SOUSA (2018), in addition to other studies that refer to education in favor of the valorization of the Brazilian black population, to which there are still numerous resistances. In the same sense, field research was also carried out in the village of Umarizal Beira, with interviews recorded with residents, students and teachers in the community, as well as research in the community's cultural spaces, such as the church of Santíssima Trindade dos The local patroness, the Umarizal ballroom and leisure spaces where samba de cacete take place are innocent, a very important cultural and ancestral practice for the region's quilombola population. Therefore, this work used oral sources, through interviews with residents who have memories and memories. Finally, written documents were used, such as: student activity notebooks, minutes of the meetings of the local Quilombola Association, certificate of regularization of the community provided by the government of the State of Pará and the Federal government, in addition to others, such as material culture artifacts, images photographs and maps. Data from the research pointed out that in Umarizal there is an explicit attempt to seek to rescue its roots and its cultural burden in classes, however, to take care of this task becomes a little complicated given the curriculum that tries to pull all the time to other realities. Every way, this is a thorough work that requires care, and that will still require some time and effort from the community and the school, to be able to really make a quilombola education that is attributed to its cultural aspects of the community.

**Keywords:** History; Memory, Quilombola Education; Forms of Teaching.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo, tem como foco central analisar como vem ocorrendo o processo educacional da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal (Poló), localizada na comunidade Quilombola de Umarizal Beira, no município de Baião/PA. A memória dos membros dessa localidade e suas narrativas serviram como base da pesquisa para tentar reconstituir e enfatizar a história de um povo, que conseguiu resistir e continua resistindo a todo tempo, é de grande importância para se entender modo que a educação escolar quilombola vem sendo feita nessa região. Nesse sentido, Moura 2007 enfatiza que:

Quando se fala em quilombos, o brasileiro se reporta ao conceito emitido pelo Conselho Ultramarino em 1740 “(...) toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. Atualmente, podemos conceituar Quilombos Contemporâneos como comunidades negras rurais habitadas por descendentes de africanos escravizados, que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os habitantes dessas comunidades valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente. Possuem uma história comum e têm normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade (MOURA, 2007, p. 3).

Diante do exposto, é possível enfatizar a resistência de um povo que luta por seus direitos todos dias, direito à terra, que a partir de muitas lutas foram conquistadas, principalmente depois da Constituição de 1988, que lhes deu através da lei esse direito. Com isso, possibilitou as pessoas negras a ocupar espaços que foram feitos para as elites brancas, como por exemplo, através da lei nº12.711/2012, conhecida como ‘lei de cotas’, que determinou que as 69 universidades federais e os 38 institutos federais reservassem parte de suas vagas para pessoas Quilombolas e Indígenas proporcionando que tais espaços pudessem ser mais acessíveis para filhos e filhas dessas pessoas (BRASIL, 2012).

Dessa forma, compreender o tipo de educação que vem sendo desenvolvida nesta comunidade, ajudará a verificar se há diálogo entre a escola e a realidade na qual a mesma está inserida, e quais os principais desafios enfrentados para fazer uma educação de qualidade nesta localidade. Da mesma forma, além da constituição de indícios da formação histórica dessa comunidade, busca-se refletir a respeito dos saberes, fazeres e tradições culturais dos seus habitantes, para entender como mesmos são transmitidos ao longo da história, e contar essa história requer muito mais do que constituir fragmentos,

mas em sua maioria é a partir de experiências e vivências com os membros dessa comunidade, que se torna possível ganhar ecos de lembranças e memórias que são contadas pelas pessoas mais velhas.

Sendo assim, abordar nesse estudo a história da comunidade quilombola de Umarizal Beira, os saberes tradicionais de seus habitantes, sua organização social, cultural e religiosa, que tem nas suas festas um dos veículos principais de transmissão da educação não-formal, criada e recriada através das experiências inovadoras do fazer-se da educação quilombola. A educação que ocorre em todos os espaços da comunidade, com os diferentes sujeitos nela existentes.

No mesmo sentido, verificar como está ocorrendo a educação escolar quilombola que vem sendo realizada na Escola Fundamental de Umarizal (POLÓ), e analisar se estar sendo levado em consideração a realidade dos habitantes desta localidade, focando na história e valorização da cultura étnica dessa população, conforme garante a Lei 11.645, de 10 março de 2008, que estabelece diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (BRASIL, 2008).

Conforme defende Souza, a escola é essencial, pois, é nela que se encontram pessoas com diferentes raças, religiões, crenças, valores, conhecimentos, costumes, enfim, é um espaço em que se convive com a diversidade e diferença e muitas vezes é na própria escola que encontramos diversos tipos de preconceito (SOUZA, 2009).

Motivo pelo qual, a intenção deste estudo é também reconstituir indícios de processos históricos e educacionais, mesclado os saberes tradicionais da população de quilombolas de Umarizal Beira, que tem como base, o uso de ervas medicinais no tratamento da saúde, além de outras práticas e saberes. Sendo assim, qual a importância da educação “formal” para vida das pessoas dessa comunidade? Refletir sobre isso é de suma importância, Uma vez, que há um debate bastante extenso no que tange os processos educativos destinados aos remanescentes de quilombolas, debates sobre uma educação de qualidade para povo negro, que vise suas vivências e realidades. No entanto, como ressalta Pinto, se observa que ainda existe uma grande falta de espaços físicos de escolas, ausências de um currículo pedagógico que valorize suas festas, costumes e tradições e, até mesmo, a capacitação de profissionais que atuam em área quilombola (PINTO, 2005). Para Pinto,

Se assegurar o direito pelas terras tem sido uma árdua luta pela empreendida pelos descendentes de quilombolas [...] pode-se imaginar a escola, ou melhor, de poder contar com uma educação de qualidade, que leve em conta a história dos seus ancestrais, seu modo de vida, suas experiências culturais e formas organizativas. [...] as escolas existentes nesses povoados, assim como o nível de formação do quadro de professores que as compõem, estão aquém das aspirações das populações locais (PINTO, 2006, p.281 e 282).

É importante mencionar que o presente estudo, surgiu a partir de inquietações, ao observar, que apesar dos esforços para se fazer uma educação que dialogue com as realidades das pessoas da comunidade Quilombola de Umarizal, ainda há muitas lacunas para serem preenchidas, o que acaba impossibilitando de conseguir fazê-la.

Além do mais, faço parte da Vila de Umarizal Beira, tenho familiares, tios, tias, avós, primos, demais parentes e amigos(as).Então, desde a infância observo e vivencio a riqueza cultural afro brasileira deste lugar, são inúmeras as práticas, saberes e costumes que deveriam estar sendo aplicadas no ensino escolar, o que despertaria em grande parte o interesse dos alunos, e os ajudariam a se conectar com suas realidades locais. Uma vez que, conforme menciona Moura (2007), “a escola tem um papel fundamental para os moradores dos quilombos contemporâneos, mas eles desejam uma escola sua, da comunidade, onde suas diferenças sejam respeitadas” (MOURA, 2007, p.6).

A partir dessa perspectiva, leva-se em consideração, principalmente, o tipo de educação que vem sendo desenvolvida na escola E.M.E.F Poló da comunidade de Umarizal, lócus principal de estudo, que originou este trabalho. No decorrer da pesquisa foi possível perceber que poucas aulas dialogam com a realidade dos habitantes da comunidade, devido diversos fatores que impossibilitam tal diálogo, seja pela estrutura da escola, pela prática pedagógica dos professores, que ainda são obrigados a seguir o currículo oficial brasileiro, ou até mesmo, pela ausência de merenda escolar para os alunos. Infelizmente esta é uma realidade existente em muitos lugares do Brasil, principalmente, nas áreas quilombolas e indígenas.

A pesquisa tem como fundamento a abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2003), a pesquisa qualitativa é o caminho do pensamento a ser seguindo. Ocupa o lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir a realidade. A importância desse instrumento de pesquisa se dará pelo fato de auxiliar o aprofundamento do conhecimento em compreender e analisar a dinâmica da relação social no ambiente estudado (MINAYO, 2003, p.16-18).

Por outro lado, a pesquisa faz uso de métodos e técnicas da história oral, mediante realização de entrevistas com moradores de Umarizal Beira, a fim de compreender um pouco mais sobre a história de formação dessa comunidade, os tipos de ensinamentos já existentes, seus conhecimentos tradicionais, a fim de relacionar com o tipo de educação escolar que vem sendo desenvolvida nesta localidade.

Desta forma, metodologicamente a pesquisa foi realizada a partir de estudos bibliográficos, tendo como base teórica metodológica estudo de autores que se ocupam do tema, entre os quais destaca-se: GOMES (1993,1995), PINTO (1995, 2001, 2004, 2007, 2010), MINAYO (2003), MOURA (2007), CRUZ (2018), SOUSA (2018), FUNES (1996) além de outros. Cujas suas temáticas de estudo se referem a uma educação que esteja agindo em prol da valorização da população negra brasileira, para a qual ainda se verificam inúmeras resistências. Precisamos, pois, identificar políticas públicas que atendam às necessidades desse contingente populacional, que não se vê representado e valorizado nas experiências educacionais (SOUSA, 2018).

Depois se realizou pesquisa de campo na povoação de Umarizal Beira, com gravação de entrevistas com os moradores dessa comunidade quilombola. No mesmo sentido, foram feitas visitas a escola Municipal de Ensino Fundamental Poló de Umarizal para observar como a educação escolar está sendo tratada nessa escola e se valoriza os saberes tradicionais, práticas culturais, histórias e costumes da sua ancestralidade em sala de aula. Assim como, realizou-se pesquisa nos espaços culturais da comunidade, como a igreja de Santíssima Trindade a padroeira local, e o salão da vila, onde acontecem as rodas de samba de cacete, prática cultural ancestral e muito importante para a população quilombola da região. Nas afirmações de Pinto, “o samba de cacete é uma prática cultural encontrada nas povoações remanescentes de antigos quilombolas da região. Embora cada povoação tenha sua forma particular de realização, os tambores, o ritmo, as letras e o modo de dançar são semelhantes (PINTO, 2014, p.31).

A pesquisa também, utilizou as fontes orais, mediante entrevistas com os moradores e membros da comunidade, assim sendo, foram utilizadas fontes orais, mediante entrevistas com moradores, portadores das lembranças e memórias, além de documentos escritos como: caderno de atividade dos alunos, atas das reuniões da Associação Quilombola local, certidão de regularização da comunidade fornecida pelo governo do Estado do Pará e governo Federal, assim como, artefatos da cultura material, imagens fotográficas e mapas.

E desta forma, as tramas desse trabalho foram tecidas, levando em consideração práticas, experiências, saberes e vivências das pessoas entrevistadas, uma vez que lembranças e memórias dessas pessoas, segundo defende Pinto (2010), ganham “dimensão quando se utiliza suas experiências de vida, seus saberes e ensinamentos como matéria prima” (PINTO, 2010, p. 34).

Segundo afirma Eclea Bosi, é “na memória que se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; documentação mental; dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos”. É por meio da “memória que se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade; o público e o privado; o sagrado e o profano”. O exercício das lembranças, revisitadas pela memória, permite o cruzamento de estados temporais do passado, presente e futuro, entrelaçados por registro, construção, inversão, ficção de fatos e acontecimentos históricos (BOSI, 1998, p. 218), que podem nos ajudar a tender o tipo de educação que vem sendo desenvolvida na escola polo de Umarizal, se valorize as heranças da ancestralidade negra local, e quais são os desafios, para que saberes e fazeres dos seus habitantes possam estar inseridos no currículo pedagógico desta escola.

Este trabalho está constituído em dois capítulos. O primeiro Capítulo, intitulado, *A História e a Memória da Comunidade de Umarizal Beira*, através da memória e da oralidade, faz reconstituição da historicidade da comunidade de Umarizal, buscando entender o processo de construção da vila, através das lembranças de seus moradores. A vila é muito rica em traços históricos que remetem ao seu passado.

No segundo Capítulo, *A Educação Quilombola de Umarizal Beira: Uma Análise Entre Comunidade e Escola*, discorre a respeito de como a educação quilombola de Umarizal Beira vem sendo desenvolvida, entender como o processo educacional dialoga com a vila, analisando o 8º ano da E.M.E.F. de Umarizal (POLÓ) a no modelo remoto devido a pandemia do covid 19. Trata, portanto, de como os parâmetros educacionais da comunidade de Umarizal Beira, buscando remontando ao passado e relembrar histórias para se entender qual o tipo de educação vem sendo desenvolvida na vila, e quais os desafios enfrentados no dias atuais em tempos pandêmicos. Assim como, faz u análises qualitativas a partir de diálogos com professores, alunos e funcionários da E.M.E.F. de Umarizal (POLÓ), e por fim traz os resultados obtidos na pesquisa, a partir das análises documentais dos cadernos e provas feitos por alunos(as).

## **CAPITULO I**

# **A HISTÓRIA E A MEMÓRIA DA COMUNIDADE DE UMARIZAL BEIRA**

## **1.1. ESCRAVIDÃO, RESISTÊNCIAS E HERANÇAS ANCESTRAIS NEGRAS E INDÍGENAS**

Para se entender história desses remanescentes de quilombo e necessário conceituar toda a trajetória de lutas e resistência que foram travadas durante os vários anos de escravidão presente no Brasil e no mundo. Tendo em vista que, a escravidão negra permeou por mais de 3 séculos, no Brasil que foi o último país a aboli-la em 1888, fez com que sofre um forte impacto social, dado o contingente populacional presente no país no século XV e final do XVII eram cerca 57.000 habitantes no país. Desse total, 25.000 eram brancos; 18.000 índios; e, 14.000 negros". (...), em 1818, quando a população passou a ser de 3.870.000, com 1.930.000 escravos. Em 1867, os escravos caíram para 14,17% do total (eram 1.400.000 contra 9.880.000 homens livres). (TRECCANI, 2006)

É importante ressaltar, como esse grupo social teve importantes avanços ao longo do tempo, marcou o fortalecimento e a resistência dos diferentes grupos étnicos aqui presentes. Nesse sentido, um grande símbolo de resistência foram concentrações de escravos fugidos que receberam o nome de mocambos, sendo este, "a formação de quilombo" (MONTEIRO; GARCIA, 2012). Também era denominada terra de preto, segundo Peres, onde os indivíduos viviam como guardiões dessa terra (PERES, 2000).

Outrossim, no Pará os negros foram trazidos, pelos ingleses, para trabalhar nas lavouras da cana de açúcar entre outras coisas. No Brasil, os colonos desejavam substituir a mão de obra indígena. Então foram a caça dos africanos para forçá-los a servir, nos trabalhos braçais que não tinha intenção de realizar. MACEDO (2013) comenta:

O aprisionamento e a privação de liberdade de milhares de seres humanos, agravados pelo seu deslocamento forçado para outras partes do mundo, teriam provocado a maior emigração de toda a história da humanidade. (MACEDO, 2013, p. 98)

Assim "Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio - e mais tarde de negro - na composição" (FREYRE, 1976: 5). Partindo do princípio que o mercado escravocrata estava sendo muito lucrativo, esse mercado de venda e revenda de escravos se intensificou com a criação da Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e do Maranhão.

No século XVII, foi a Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, organizado no consulado pombalino, que trouxe a maior quantidade de negros para o Pará. Eram adquiridos para trabalhar na lavoura de cana, café e outros gêneros que começavam a ser cultivados na região. Nos seus vinte dois anos de existência, a companhia chegou a introduzir cerca de 12.787 escravos negros (MONTEIRO, 2013, p. 83).

Salles (2015) relata que a introdução dos escravos negros na Amazônia teve seu maior quantitativo durante o consulado pombalino na região. Monteiro (2012) ressalta que esses negros africanos influenciam bastante na composição étnica do povo paraense, contribuíram na cultura e no folclore desse povo. No entanto, como diz Salles (1971:68), “na Amazônia a contribuição cultural do negro é sistematicamente diminuída ou até negada.” Assim conforme o autor:

O negro, menos ainda [...] quase nada teria deixado da sua presença na região. Se foi apreciável durante certo tempo, em alguns centros urbanos e mesmos rurais, a parcela da população. A soma a múltiplos fatores históricos e sociais – a proibição do tráfico, a abolição da escravatura, um começo da organização organizada, o formidável enxoto nordestino para Amazônia etc – resultara na diminuição daquele contingente negro que, se perdera gradativamente na calha da mestiçagem e hibridação a tal ponto de hoje apresentar percentuais irrisórios nos mesmos locais onde anteriormente sua presença fora considerável. (SALLES, 1971, p. 68).

Durante muito tempo, a região amazônica foi marcada pelo processo cultural indígena. Por isso, a cultura africana em muitas locais e obras de certa maneira acabou sendo colocada em segundo plano. De acordo com (SALLES, 2004), não apenas no Pará, mas também em toda a sociedade brasileira é enorme a contribuição dos negros nos mais diferentes aspectos, seja na cultura ou religião.

A contribuição do negro para a formação do caráter da nossa gente foi enorme. Por ela fizemos a religião mais intimista, mais enfeitada, mais festeira, o seu caráter menos áspero. Por ela adquirimos uma dose mais elevada de emotividade e de superstição. Por ela nos fizemos mais sensuais e pegajosos. Adquirimos muito do africano e ele adquiriu muito de nós. Na mistura que se processou o tempo todo, a oferta do escravo foi profunda, e se integrou na alma brasileira (SODRÉ, 1998: 67)

Ao longo do tempo é inegável o patrimônio histórico, cultural que os negros deixaram na sociedade brasileira e também no Pará e esse patrimônio deve ser preservado. Segundo Brayner (2007) patrimônio é:

Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia. (BRAYNER, 2007, p.15)

Segundo as afirmações de Brayner (2007), “os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas. Saberes esses, que também foram trazidos pelos africanos, assim como os indígenas; passando por o dançar, o rezar, comida, lendas, mitos causos, entre outras coisas; passados de geração para geração através da oralidade e prática desses saberes (BRAYNER, 2007, p. 23)

De acordo com o Decreto presidencial 6.040, de 07 de fevereiro de 2007: os quilombos são considerados tradicionais, pois:

“Povos e Comunidades Tradicionais: são grupos culturalmente, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007)

Sobre os estudos culturais afirma Santos (1995), trata-se do “discurso que um grupo social, uma coletividade, elabora sobre sua própria cultura, na diversidade de seus componentes, e através do qual reforça e questiona sua identidade” (SANTOS, 1995, p. 39). No intuito de valorizar essa identidade trazidas pelos negros, cultura que tanto influência homens e mulheres negras na constituição social das comunidades remanescentes de quilombos.

Diante do exposto, na região do Tocantins, no Pará, várias comunidades de populações negras trazem em seus espaços de habitação, as lutas e a resistência, e os traços culturais que são fortemente marcados pelo diálogo intercultural entre crenças e credos religiosos afros e ameríndios, que ao constituírem os mocambos ou quilombos da região; são locais de compartilhamento de modos próprios de crer, lutar e sobreviver (PINTO, 2004, p. 50).

## **1.2. MEMÓRIAS, PROCESSOS DE RESISTÊNCIAS NEGRA E HISTORICIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE UMARIZAL BEIRA**

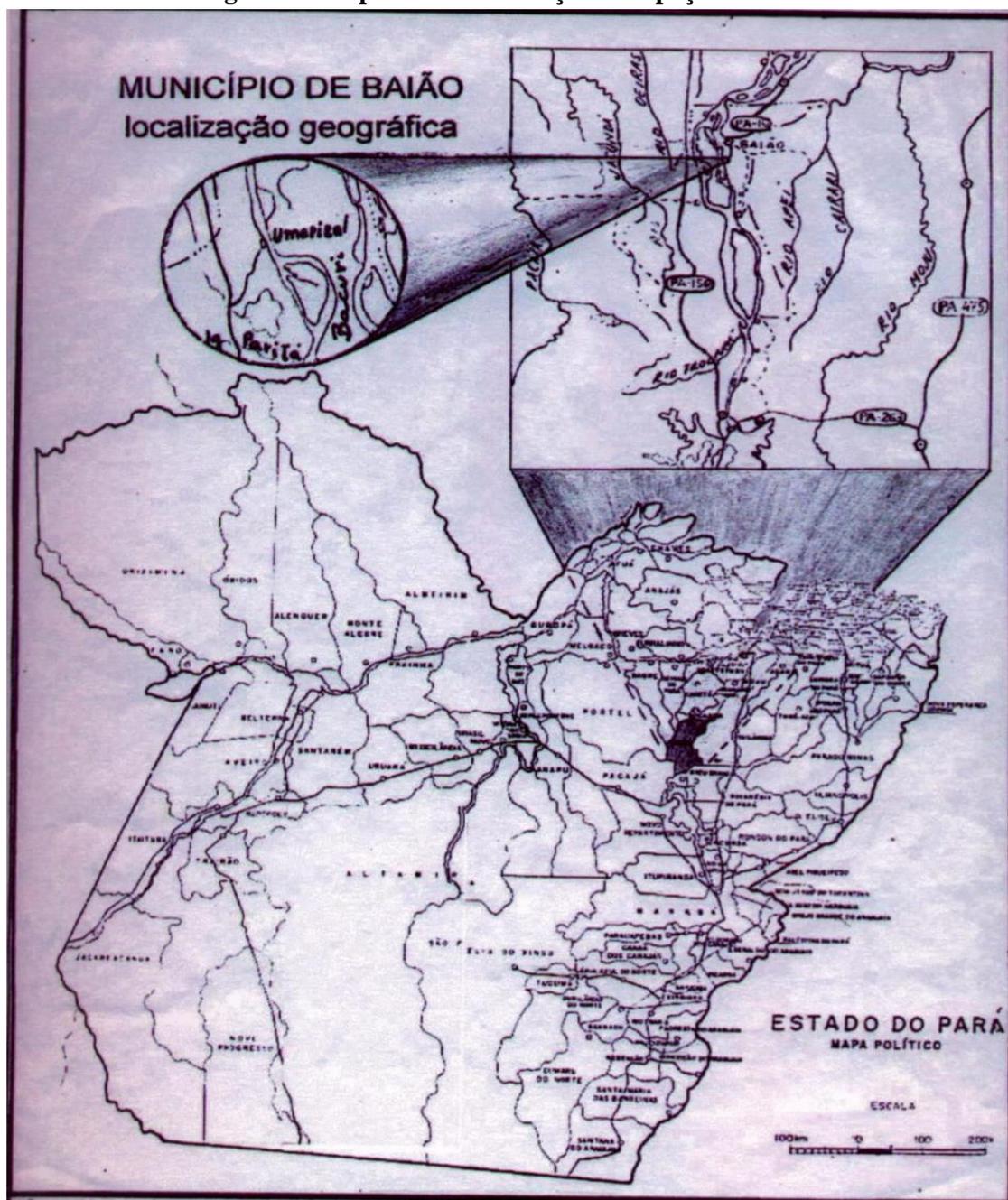
Foi a partir da resistência negra, no decorrer do tempo, que muitas comunidades quilombolas se formaram. Dentre os quais se destaca o quilombo de Paxiubal que deu origem à comunidade de Umarizal Beira na região do Município de Baião. As perseguições sofridas por parte das autoridades legais, fizeram com que grande parte das populações negras se dividissem pelas matas criando foco de resistência, luta e vida para essa população. Nesse sentido, Pinto (2010) afirma que:

Ao serem perseguidos pelas autoridades legais, se espalhavam pelas matas, criavam outros redutos negros, gerando, portanto, estratégias de resistências e vida. Ao se reagruparem em redes familiares ampliadas compuseram nossas comunidades (mini quilombos), como é o caso do antigo Quilombo de Paxiubal, no município de Baião, do qual se formaram Umarizal, Bailique Centro, Bailique Beira e Igarapé Preto. Do quilombo do Mola, em Cametá, originou-se Itapocu, Porto Seguro, João Igarapé, Laguinho, Tomásia, Bom Fim Porto Alegre e Boa Esperança. Enquanto, o Quilombo de Icatu, no município de Mocajuba, se desmembrou no Putiri (PINTO, 2010, p. 57).

É nesse contexto histórico, que ressaltamos a memória e a historicidade da comunidade quilombola de Umarizal Beira, que fica localizada na zona rural da cidade de Baião - Pará, ao redor da reserva esxtrativista (RESEX) Ipau-Anilzinho e na margem esquerda do rio tocantins.

É possível se chegar a comunidade por meio de transportes fluviais através das águas do rio e também por via terrestre por meio da BR 422. Nesse sentido, Pinto (2004, p. 53) enfatiza em sua obra que: “Seus limites ficaram assim demarcados: ao norte, município de Mocajuba; a leste, a cidade de Baião e a ilha de Bacuri; a oeste, os limites do município de Baião com o município de Oeiras do Pará; ao sul com a calha do igarapé Paritá.”

Imagem 01: Mapa com a localização do espaço de estudo.



Fonte: PINTO, 2004, p. 34

Nessa comunidade é possível encontrar vestígios das lutas e tradições que fizeram e ainda fazem parte da vida dessas pessoas, como por exemplo, o sirio de Santo Agostinho, Sirio de Santíssima Trindade, As quadrinhas juninas, o samba de cacete e a sua literatura oral como as lendas e as histórias locais que são de suma importância para os membros da comunidade.

As lendas são temáticas fascinantes e ricas da cultura quilombola, rica em imaginação e crenças onde a história relata a relação do homem com a natureza, uma natureza mágica capaz de abençoar e amaldiçoar dependendo da hora e do lugar onde ocorre a ação, se nas florestas, rios, lua cheia, aquilo que não se podem ver sempre nos encheu de curiosidade, as almas penadas, a mãe d'água, a mãe do mato, objetos de estudos que pesquisamos e não nos cansamos de descobrir a sabedoria do povo (CRUZ, 2018, P.16).

Sabendo disso, ao longo do tempo os processos culturais orais e manifestações simbólicas marcam a identidade de um povo e sua história de criação e luta para a liberdade. Moradores narram reminiscências como de Sifrônio, um negro escravizado, que viveu no período escravocrata, visto como símbolo de resistência da luta pela liberdade, o “herói” para essa gente. Pois as narrativas orais, que ressaltam as façanhas desse negro, passaram de geração para geração, demarcando sua trajetória, que é vista como sinônimo de resistência e garra contra um sistema opressor e discriminatório.

Na memória de seus descendentes, Sifrônio foi mandado para guerra de Paraguai como castigo de seu senhor, “pela sua rebeldia e insolência. Mas devido a sua valentia” (PINTO, 2010: 87), o mesmo acabou voltando da guerra como herói, condecorado capitão e livre; e ao chegar em sua terra defendeu a liberdade do seu povo e o fim da escravidão (CRUZ, 2018).

Assim sendo, se escondeu nas matas numa região conhecida como Paxiubal; dando morada para seus irmãos e irmãs que fugiam de seus senhores, liderando junto com seu irmão Feliciano Pinto, Leonor, Virgiliana Maximiana, Clementina passaram assim a liderar um pequeno quilombo nas matas da região tocantina, denominado de Paxiubal. Pinto (2004) afirma que:

A povoação de Paxiubal, segundo descrição dos nossos informantes, tinha um formato semicircular, constituído por casas de moradia, casas de farinha, barracão de festa e um arraial – o centro livre da povoação, que se localizava as margens de um igarapé. As casas eram cobertas com

palhas de palmeiras, o chão de terra batida ou de varas e as paredes eram feitas com palhas ou ainda casca de pau (PINTO,1999, p. 39).

Contudo, segundo Pinto, muitos negros que faziam parte da antiga comunidade de Paxiubal tiveram sua convivência abalada quando passaram a ser atacados por grupos indígenas como por exemplo, os Assurini e Gavião, que também fugiam de não indígenas. Esses indígenas, como estratégias de defesa, se espalharam pelas matas e igarapés da região e passaram a devolver a mesma violência recebida por parte dos ditos “civilizados” (PINTO, 2004).

Os ataques indígenas significaram a destruturação do povoado de Paxiubal e a desagregação da grande família que ali habitava. Paxiubal foi abandonado definitivamente por volta de 1930 a 1940, quando os índios atacaram com requintes de muita violência, ocasionando mortes em localidades vizinhas, como, Joana Peres e Paritá, forçando seus habitantes a se estabelecerem nas terras que hoje pertencem ao Umarizal (PINTO, 1999, p. 44-45).

**Imagem 02: Senhor Pedro de Farias, 85 anos, um dos guardiões das histórias e memórias a respeito dos quilombos de Paxiubal e Umarizal.**



**Fonte: Costa, 2021.**

O senhor Pedro de Farias, 85 anos de idade, um dos mais velhos moradores da comunidade de Umarizal, conta que chegada dos indígenas na região forçou a mudança dos habitantes do antigo Quilombo de Paxiubal, que com medo tiveram que abandonar esse núcleo negro:

“Índio varou no Joana Peres acabou com a vila lá, aí agente veio para cá, depois varou no Paritá [...] agente foi para ilha, mas aqui nunca varou índio” (Pedro de Farias, 85 anos, morador de Umarizal Beira).

Nesse sentido, conforme é possível observar a partir da narrativa do senhor Pedro de Farias, os habitantes de Paxiubal se viram em uma situação de insegurança, que desafiava os seus próprios destinos, tiveram que decidir que rumo iriam tomar para garantir suas vidas e as de seus descendentes. A partir de então, os moradores do quilombo tiveram que cruzar as águas em busca de abrigo, fizeram morada durante um tempo em uma ilha que recebeu o nome de Tracuá, e faziam um trajeto de duas a três vezes por semana para essa ilha.

Conforme os ataques as comunidades vizinhas se intensificavam os habitantes do antigo quilombo de Paxiubal decidiram se estabelecer em uma terra em frente a ilha e foi nesse lugar que construíram casas, barracões, casas de fornos onde produziam a farinha de mandioca, que era extraída de suas pequenas plantações já consolidadas. Sendo assim, o quilombo de paxiubal deixou de existir fisicamente, porém toda a carga de historicidade cultural, os saberes e as tradições não se apagaram, estes continuam sendo repassados pelas gerações. Nesse sentido, Lucia de Farias nos traz aspectos em sua fala que remontam o passado desse quilombo:

As casas eram de barro coberta de ubim, nós tecia a paia uma na outra e cobria, ficava bem cobertinha, melhor do que telha. Não respigava. Quando fomos para Umarizal papai fiz uma casa toda de palha. No Paxibal, era tudo bonito, tinha um barracão onde fazíamos as festas, quando chegavó da roça íamos para o barracão, levarmos o tambor, batíamos com o cacetinho, e aqueles velho já dançavam. (Lucia de Farias, 83 Anos, Umas das Grandes Portadoras da História de Umarizal).

**Imagem 03: Lucia de Farias, 83 Anos, Uma das Portadoras da História de Umarizal.**



**Fonte: Costa, 2021.**

No ano de 1999, quando Pinto divulga os primeiros resultados de sua pesquisa, que tem como locus a povoação de Umarizal, menciona que este lugar possuía aproximadamente 912 moradores, e tinha:

Quatro ruas e duas travessas, onde estão distribuídas cerca de 191 casas residenciais e, mais 12 pequenos prédios públicos e comunitários, para uma população de aproximadamente 912 pessoas (...). As estruturas das casas vão do estado rústico de chão de terra batida com coberturas de palha até as casas de alvenaria cobertas com telhas de barro (PINTO, 1999, p. 55).

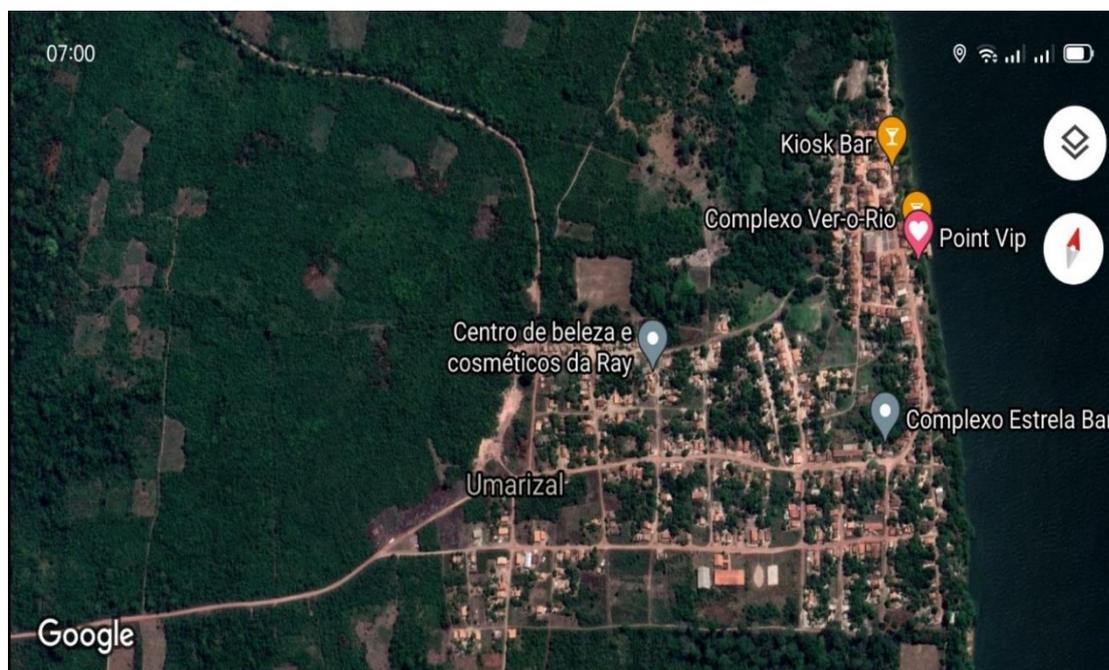


Nos dias de hoje o território de Umarizal conta com mais de 2.600 moradores, possui três avenidas, quatorze ruas, três travessas, nas quais se distribuem em mais de 490 famílias de quilombolas que são atendidos:

Por três escolas, como a de Escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal, que possui seis salas de aulas; a Escola Deolindo Melo, onde funciona a escola de Educação Infantil O Sorriso da Criança; a Escola Manoel Sampaio, a respeito da qual há especulação para que se transforme futuramente no Museu da Vila de Umarizal (CRUZ, 2018, P.32).

Existem também espaços de lazer como a praia da vila, a praça, balneários, e o amado umarizal point vip. Possui ainda, uma UBS denominada Tiazinha, que foi inaugurada em 2016, recebeu esse nome devido a importancia da parteira Custódia Viera (que era mais conhecida por Tiazinha) em Umarizal, que ajudou muitos quilombolas a virem ao mundo. Também existem duas igrejas uma evangelica e outra principal da padroeira da vila Santissima Trindade do Inocentes. Dessa forma, é nesta terra de negros, remanescentes e descendentes do antigo quilombo de Paxiubal, que essa população se matem fixada, em um território construído com luta, rico de heranças culturais, tradições e saberes que fazem parte da sua história.

#### **Imagem 05: Vista de Cima da Comunidade de Umarizal Via Satélite**



**Fonte: Google Maps**

Além disso, é pertinente para a discursão destacar alguns dos belíssimos lugares, pois, falar das lindas coisas desse lugar é trazer detalhes, o primeiro que ressalto aqui foi construído a pouco tempo, ainda no ano de 2020, fica localizado em uma área as margens do rio Tocantins, possui construção em madeira, piso de assoalho, é uma bela, e encantadora paisagem para Pôr do sol, este se tornou um dos primeiros e mais visitados pontos de lazer da vila de Umarizal que recebeu carinhosamente o nome de “Umarizal Point Vip”. É importante enfatizar que esse espaço também foi palco do primeiro concurso de miss e mister verão quilombola da vila de Umarizal e comunidades vizinhas.

**Imagem 06: Umarizal Point Vip.**



**Fonte: Facebook Point Vip, 2021.**

Possui também uma praia que foi construída artificialmente com a ajuda da população, nela são realizados eventos e comemorações, e um bom local para se passar um tempo com a família nos domingo. Assim como o Point Vip, existe também complexo Ver-O-Rio é um excelente ambiente onde ocorre festas dançantes com bandas ao vivo,

fica localizado na beira do rio Tocantins e importante e lindo espaço da comunidade de Umarizal Beira.

Umarizal é um lugar lindo, cheio de heranças e tradições que transpassam por seus remanescentes, contudo, mesmo não esquecendo suas memórias os novos espaços que fazem parte da vila contradizem estereótipos e folclores que criados entorno das comunidades de quilombolas. Nesse sentido, Pereira (1983) afirmar que:

“A folclorização não no sentido do estudo e conhecimento das tradições de um povo expressa em lendas, canções e literatura, mas no sentido de simplificação através da eleição de certos estereótipos para fins de exploração comercial, turística e midiática”.

Dessa forma, desconstruir a ideia de que a comunidade está ali, parada no tempo é essencial, pois muitos se prendem a isso e acabam esquecendo que as coisas mudam, mas as heranças e ancestralidades não desaparecem. Embora a vila tenha evoluído e expandido, os traços e as tradições que permeiam este lugar estão vivos dentro dos corações dos oriundos dessa terra.

Isso fica evidente nas rodas de conversas com os amigos, no círio de Santíssima Trindade dos Inocentes, no festival quilombola que é realizado em Umarizal, no almoço de domingo, na semana santa, nessas e outras ocasiões onde as pessoas sempre relembram o seu passado, revivem e repassam essas histórias para as gerações futuras.

**Imagem 07: Senhor Panfilo Machado**



**FONTE: COSTA, 2021.**

Como já vimos os festejos são bastantes comuns em Umarizal Beira e vem deste os primórdios da comunidade. Nesse sentido, seu Panfilo Machado conhecido popularmente como seu Bebê, de 91 anos morador e um dos mais antigos portadores das lembranças da vila, nos trouxe em sua fala que:

Umarizal sempre teve muita festa, alegria, o sítio de santíssima Trindade é antigo, o samba de cacete é antigo, tem o de Santo Agostinho, São Luís. O sítio da Santíssima Trindade padroeira da vila, começou com promessa. Quando viemos de Paxiubal o pessoal falava que os índios iam varar lá no Umarizal. O pessoal corria para beira do rio já pronto para descer pra água, só que os índios chegavam até o Paritá e voltavam. Foi que surgiu uma promessa, que aquele tempo pessoal eram tudo católico né, se os índios não varassem eles iam todo ano fazer a festa da Trindade, e ela ia ser a padroeira do Umarizal, e nunca que chagaram varar, aí começaram fazer essa festa (Panfilo Machado, Entrevista realizada em 15 de junho de 2021 às 16 horas da tarde).

Como vimos as festas sempre fizeram parte da vila, por isso existe um espaço onde ocorre as festividades culturais, é nesse lugar que são organizadas as rodas de samba de cacete, e o popular e tradicional festival quilombola de Umarizal onde ocorre festas, desfiles de miss quilombola, peças de teatro enfatizando sua historicidade e os aspectos cotidianos do vilarejo, bem como a apresentação do tradicional samba de cacete revelação de Umarizal um antigo e símbolo vivo de resistência, preservado na memória dessa gente.

**Imagem 08: Salão Principal e Sede do Festival Quilombola de Umarizal.**



**Fonte: Costa, 2021.**

Outro fator que também faz parte da comunidade é a religiosidade cristã é símbolo importante e são enfatizados em festejos como os sírios que ocorrem nesse local destacam-se o de santo Agostinho e Santíssima Trindade dos Inocentes sendo este um momento rico de emoção, lágrimas e esperança para vida das pessoas. O sírio da Trindade e uma das mais grandiosas festividades da comunidade de Umarizal Beira pois é nela que o povo expressa sua fé na padroeira da vila.

No geral este feito e dividido em duas etapas e sempre no segundo sábado do mês de setembro, nesse ano de 2021 ocorreu no dia 11. As etapas são: a primeira é realizada na sexta feira onde são realizadas apresentações culturais, novena e a alvorada com queima de fogos e distribuição de chocolate caseiro. Já na segunda etapa que é no sábado, e a procissão em caminhada que sai do chamado Umarizal Centro é um percurso longo e extenso por uma estrada de barro e pedras em direção a igreja matriz de santíssima Trindade, contudo as pessoas cantam, rezam, louvam, e se emocionam com sua padroeira até a sua chegada na catedral.

**Imagem 09: Momento da Chegada da Imagem de Santíssima Trindade em Sua Catedral.**



Fonte: Costa, 2021.

Logo em seguida após toda a festividade de Santíssima Trindade que dura duas semanas, ocorre o popular festival quilombola de Umarizal e comunidades próximas como Bailique, Paritá e outras. O festival são quatro dias de festejo, divididos em quatro noites nesse ano de 2021 ocorreu nos dias 23 a 26 do mês de setembro. O festejo sempre se inicia com a chamada noite gospel, na quinta feira, nela é feita a abertura do festival e adoração para os devotos da vila.

Na sexta feira dia 24 é a chamada noite cultural, é uma noite marcada pela ancestralidade e rica de emoção, nela feita apresentação do grupo de samba de cacete revelação de Umarizal composto em grande parte pelos anciões da vila. Nesse ano também ocorreu o primeiro desfile de miss e mister quilombola, foi um grande e importante evento que trouxe toda a beleza, empoderamento, e emoção para os conterrâneos dessa terra.

**Imagem 10: Participantes do desfile de miss e mister quilombola de Umarizal.**



Fonte: Facebook Vila de Umarizal, 2021.

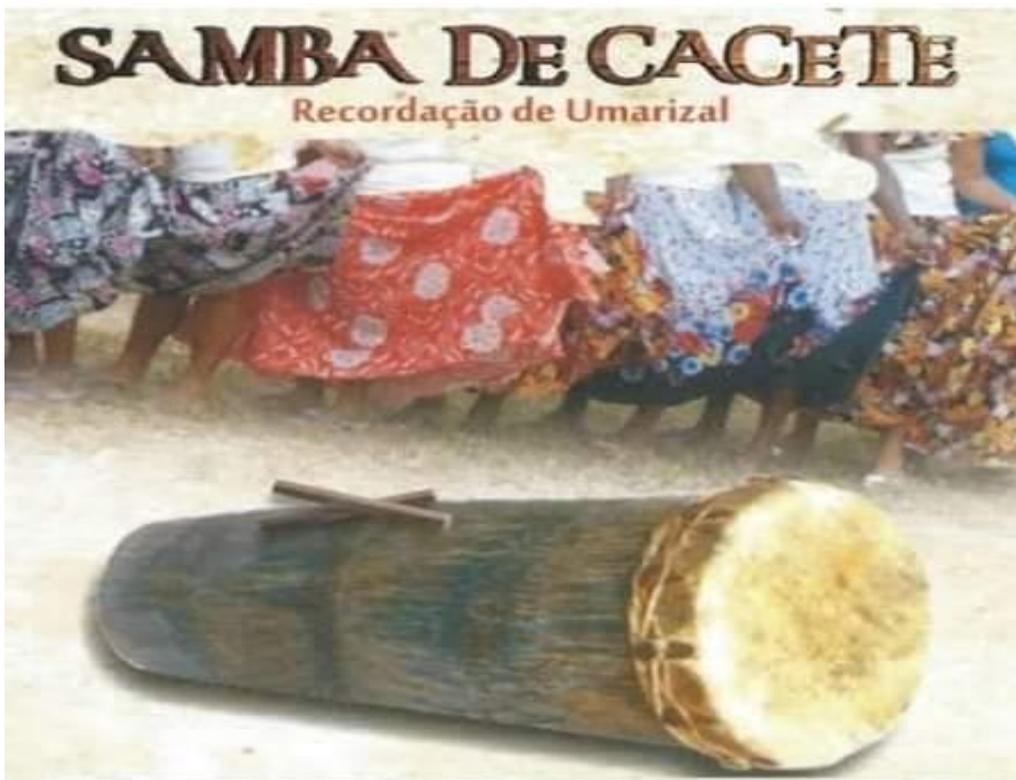
No sábado dia 25 aconteceu o baile dançante com shows de bandas locais da cidade de Baião e também de outras cidades como Cametá, que são contratadas com a ajuda de patrocinadores do festival. Já no domingo dia 26, foi o bingo para recardar fundos para a comunidade e o encerramento do evento com música, apresentações, e danças culturais. É um momento emocionante, marcado de alegria e empolgação, dessa maneira se fecha um ciclo que foi pensado, construído junto à comunidade e cada ano se reinventa buscando melhorar todos os anos. O festival Quilombola de Umarizal é um evento único que marca a memória da vila, pois é nele que são trazidas à tona muitas das heranças históricas da comunidade, deixando maravilhadas as pessoas que ali participam.

### **1.3. SAMBA DE CACETE RECORDAÇÃO DE UMARIZAL**

O samba de cacete de Umarizal é uma manifestação cultural antiga deixada por sua ancestralidade afrodescendente. É uma forma de expressar sua religiosidade e suas tradições em música e dança. Segundo Pinto(2004), o samba de cacete recebe esse nome “porque os únicos instrumentos musicais são dois troncos de pau com, aproximadamente, um metro e meio de comprimento escavados no interior – os tambores – tendo em uma das extremidades um pedaço de couro”.

Atualmente o samba objetiva preservar e manter viva a herança histórica presente na vila, por isso no ano de 2004 foi fundado o Grupo Recordação de Umarizal com esse intuito. Esse grupo se tornou responsável por expandir e levar a cultura umarizalense para outros locais, já possuem dois CDs um amador que foi gravado pelos brincantes em uma roda de samba em frente o salão de festividades da vila, e outro profissional gravado com ajuda e patrocínio de um projeto da Petrobras com o auxílio da prefeitura de Baião.

**Imagem 11: Capa Cd Samba De Cacete Recordação De Umarizal.**



**Fonte:** [https://Radiomargarida.Org.Br/Audios/Samba-De-Cacete\\_Recordacoes-De-Umarizal/](https://Radiomargarida.Org.Br/Audios/Samba-De-Cacete_Recordacoes-De-Umarizal/)

Em 2010 e 2011 foi realizado a gravação do segundo Cd com músicas do samba de cacete de Umarizal, este Cd foi resultado do projeto realizado junto a prefeitura de Baião “Estratégias de gestão com agentes e organizações locais para a sustentabilidade socioambiental e cultural no município de Baião”. A intenção desta ação foi manter preservada a memória e divulgar o patrimônio cultural da comunidades presentes no município, vale lembrar que nesse período o prefeito era Nilton Lopes de Farias o primeiro prefeito negro e até então único da cidade de Baião, ele também é filho e membro descendente de Umarizal beira. Sobre o samba de cacete, Dona Lucia de Farias fala um pouco de como começou essa importante manifestação cultural de Umarizal:

“O samba começou a muito tempo quando íamos plantar na roça, depois de plantar na volta fazíamos aquela festa, eram poucos integrantes era

compadre Bení, cumadre Ana vieira, e mais alguns depois que pegu outros que agora são os novos, tinha também cumadre Tereza que dançava junto ao grupo, mas de antes era só aquilo, hoje a maioria já faleceram”. (Dona Lucia de Farias, 75 anos, 2021).

A partir dos relatos de dona Lucia, é possível entender como o samba de cacete está presente a muito tempo em Umarizal. Segundo relatos de moradores, essa prática veio ainda de Paxiubal, onde seus moradores dançavam na festividade de Nossa Senhora do Rosário, ela era a padroeira local no período. Nas músicas o samba relata em grande parte o dia a dia da comunidade, fala em suas letras sobre as plantações, os relacionamentos, as histórias da vila e muitos outros temas. Abaixo a Letra de uma das músicas do grupo:

(2x) Ô não me corte cana verde deixe a mãe turá,

(2x) Não mexa filha alheia deixe a mãe pia

(2x) Deixa a mãe pia, deixa mãe pia

(2x) Não mexa filha alheia, deixa a mãe pia

Nas rodas de Samba de Cacete a festa é imensa, a dança provoca nas pessoas que ali assistem uma emoção e alegria que não as deixam ficar paradas e justamente nessa hora que os dançarinos convidam todas as pessoas presentes para participar da roda, formando assim, uma grande festa cheia de magia e felicidade.

#### **1.4. O TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE UMARIZAL BEIRA**

No Brasil a luta por território sempre foi constante, em especial entre as comunidades indígenas e quilombolas a posse da terra para os membros dessas comunidades tradicionais e de suma importância, pois possuir esse direito à terra em que habitam é essencial na luta do movimentos. Dessa forma, Leite (2008) afirma que,

A questão das terras das comunidades quilombolas foi foco de maior atenção, notadamente, a partir de 1988, quando houve uma maior pressão por parte dos movimentos sociais, repercutindo na criação de normas institucionais, sejam administrativas ou jurídicas, no âmbito estadual e

também federal. Ainda assim, pode-se dizer que houve uma recriação da palavra “quilombo” (LEITE, 2008, Pág. 04).

Para Almeida (2005), só é possível definir o conceito de população tradicional ao se considerar o papel da territorialidade que se estabelece enquanto categoria de identificação, defesa e força (ALMEIDA, 2005). Enquanto Paula Little (2002, p.03) afirma que a territorialidade pode ser definida como o “esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, convertendo-se assim em seu, território” (LITTLE, 2002:.03)

Toda via, a luta para conseguir a posse das terras do território de Umarizal demandou tempo e muita resistência das lideranças da comunidade que através das primeiras associações que ali existiam como das Mulheres Produtoras de Umarizal (AMPU) e a Associação de Mini e Pequenos Produtores Rurais de Umarizal (AMPPRU) conseguiram obter os primeiros avanços para a vila, essas associações foram as pioneiras para se conseguir a demarcação de terras de Umarizal. Entretanto, essa solicitação de demarcação necessitava de um CNPJ próprio e esse foi um dos principais motivos para ser criada a Associação Remanescente Quilombola de Umarizal (ACORQBU) fundada no dia 12 de outubro 1999. Foi através dela que Umarizal conseguiu iniciar seu processo de demarcação, que Segundo seu Narciso Vieira o Primeiro Presidente da ACORQBU foi demorado:

“O primeiro passo a ser dado foi a de nos atualizar e saber o que é ser quilombola e qual é vantagem e desvantagem de ter uma terra coletiva e qual seria o benefício que pode trazer pra comunidade. A partir do que foi feito vários encontros reuniões em Belém, criações de decretos, nós partimos para fundação da associação. Pois fomos informados que só poderia enviar uma solicitação uma pessoa jurídica e nesse caso tivemos que criar a associação. Antes da fundação da associação foi feito um requerimento em nome do sindicato dos trabalhadores rurais de Baião, requerendo toda área daquele momento, começar evitar as grilagem de terra dentro da área de Umarizal, que envolvem cinco comunidades; Umarizal Beira, Umarizal Centro, Boa Vista, Florestão e Paritá-Miri. Na verdade foi envolvida todas essas comunidades através de um levantamento antropológico desenvolvido pelo NAEA, na pessoa da professora Edina [Castro] com sua equipe vieram pra cá foram visitar todas as famílias e aqui continuaram fazendo os cadastramento. Nesse momento todas famílias foram cadastradas, aceitando ou não ser quilombola todas as famílias foram cadastrados hoje existe uma polemica sobre ser sócio e ser cadastrado, pois para ser cadastrado não precisa ter idade desde seu nascimento já se pode ser cadastrado e pra se tornar sócio o estatuto garante que com 14 anos já pode ser sócio com direitos a carteirinha e com 16 já passo a ser

contribuinte com direito ao voto mais sem direitos de ser votado, só a partir dos 18 anos passa ter direitos a tudo” (Narciso Vieira Ramos, 70 anos, morador de Umarizal e Ex-presidente da Associação Remanescente de Quilombos de Umarizal. Fonte: Rodrigues, 2016, Pág. 30).

Diante disso, é possível entender como é esse processo de titulação de terras de comunidades quilombolas como Umarizal Beira, é um processo bastante demorado que demanda muita iniciativa das suas lideranças, nesse sentido, a titulação de terra de Umarizal Beira também incorporou em sua associação outras comunidades vizinhas que estiveram na luta, são essas: Umarizal Centro, Boa Vista, Florestão e Paritá-miri, todas essas comunidades lutaram e venceram o processo pelo direito a suas terras junto a Umarizal Beira. “É até os dias atuais continuam reivindicando junto ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), o ITERPA (Instituto de Terra do Para) e ao governo do estado o título definitivo de posse de suas terras, como terra de remanescente de quilombolas”. (RODRIGUES, 2016, Pág.31).

Atualmente, a associação (ACORQBU) é composta por 12 coordenações, um presidente cujo o nome é Assunção popularmente conhecido como Tiosem, um vice presidente, e um secretário que foram eleitos pelos associados. Esta associação hoje cuida da parte administrativa da comunidade e realiza muitas assembleias para discutirem juntos aos moradores assuntos relacionados a comunidade como projetos para vila e reflexões sobre a construção da identidade em quantos sujeitos negros e quilombolas, pois entender nossa carga histórica nos faz entender o verdadeiro significado do que é ser quilombola, a mesma ainda também auxilia os estudantes da vila com a emissão de documentações e declarações para realizarem o Processo Seletivo Especial(PSE) promovido pelas instituições federais através da Lei de Cotas (12.771/2012).

A associação ACORQBU, é muito importante para comunidade de Umarizal, pois através dela são traçados muitos elementos necessários para a construção da identidade do quilombo. Ela está presente nos meios de subsistência enfatizando os legados fundamentais sobre a cultura e os modos de vida do vilarejo, como na criação de animais, plantio das roças, na produção e venda da farinha de mandioca, na pesca, e em outros aspectos que fazem parte do cotidiano dos sujeitos sociais de Umarizal.

**Imagem 12: Sede da Associação Quilombola de Umarizal (ACORQBU).**



**Fonte: Costa, 2021**

Para além disso, o território quilombola que hoje é Umarizal Beira, recebeu sua titulação de terras somente no dia 03 de outubro de 2006, através da certidão de autorreconhecimento assinada pelo presidente da fundação cultural palmares, Ubiritan Castro de Araújo. Nessa ocasião seus habitantes receberam legalmente a posse das terras que ocupavam por direito, respaldos pela Constituição Federal de 1988 no art. 68, segundo o qual: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado demitir-lhes os títulos respectivos” (Brasil, Constituição Federal, 1988).

**Imagem 13: Certidão de auto-reconhecimento da Comunidade de Umarizal.**



  
**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**  
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

**Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro**

**CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO**

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n. 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n. 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, artigo 322 da Constituição do Estado do Pará, e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de Umarizal**, localizada no município de Baão, Estado do Pará, registrada no Livro de Cadastro Geral n. 007, Registro n. 703, fl. 14, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n. 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n. 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, é **REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS**.

Declarante(s): Deumetila de Farias da Silva Vihena  
Presidente da Associação das Mulheres Produtoras de Umarizal CNPJ n. 01.611.662/0001-60

Eu, **Miriam Caetana de Souza Ferreira** (Ass. *Miriam Caetana de Souza Ferreira*)  
Diretora-Substituta da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extrai. Brasília, DF, 03 de outubro de 2006.

O referido é verdade e dou fé

  
**UBERATAN CASTRO DE ARAÚJO**  
Presidente da Fundação Cultural Palmares

BBN Quadra 02 – Ed. Central Brasília – CEP: 70540-904 – Brasília – DF – Brasil  
Fone: (0 XX 61) 3424-0106/(0 XX 61) 3424-0137 – Fax: (0 XX 61) 3326-0242  
E-mail: chefe@gabinete@palmares.gov.br http://www.palmares.gov.br

"A Felicidade do signo é uma felicidade germinada" (Willy Solente)

**Fonte: Associação Quilombola de Umarizal**

Esta certidão de auto-reconhecimento da Comunidade de Umarizal foi de suma importância para que os habitantes da comunidade, e seus remanescentes do quilombo de Paxiubal pudessem vivenciar o efeito que esse acontecimento trouxe de forma positiva, está certidão e renovada a cada nova direção da fundação palmares e sua última versão presente na comunidade data de 2016. Nesse sentido, o reconhecimento foi conquistado através dos esforços de pessoas que lutaram, resistiram, e gritaram por seu direito a terra

de seus ancestrais, até serem ouvidos, mesmo apesar das tentativas de uma sociedade que tenta inferiorizar, menosprezar e usurpar as terras que lhe são de direito, o que acabou atrapalhando na luta.

“O grande motivo de nós não estar com nosso título em mãos é justamente os conflitos, pois a nossa área é uma área abrangente, o nossa briga vem desde 1991. Eu lembro muito bem que no dia 11 de novembro de 1991 eu fui procurado pelo Fermino, pra encaminhar uma luta em favor dos poceiros que na época agente os chamava de poceiros do Cumbuca, eles eram uns quantos. Lá estava seu Sezimundo, conhecido como Mundiquinho, começou a dizer que as terras eram dele, eles negociaram com Missanto fiel e madeiro par fazer a estrada pra ele, quando a estrada estava pronta entrou esse senhor e envolveram IBAMA, políticos contra eles. Foi nesse momento que algumas pessoas vieram comigo, eu não me conformei com a situação, nos fomos até o ITERPA, por quer pra mim a terra tem que ser determinada pelo ITERPA, por ser o órgão máximo sobre as questões fundiárias no estado, e conseguimos ganhar a questão. Nessas alturas pra mim ficou claro que o setor Florestão era terras do estado, e a Dr. Vera Tavares que era a nossa advogada na época pediu que a comunidade ocupasse imediatamente área, eu vim reunir com o pessoal e ninguém quis ocupar, foi quando o seu Mundiquinho tomou posse da terra, ele vendeu outra vez, ou seja, essa área já foi vendida tantas e tantas vezes, até que ultimamente foi vendida para o Carlos, justamente quando estávamos trabalhando já a questão da titulação via associação, em 1999 a 2000, estaria iniciando um conflito considerando, até que nessa época só houve esse conflitos, era justamente por causa da madeira e hoje nós não temos mais madeira, tiraram doado, tiraram vendido, tiraram roubado, o certo que acabaram tudo, hoje eu vejo que iremos eliminar esses conflitos e consequentemente conseguiremos a titulação” (Narciso Vieira Ramos, 70 Anos, morador de Umarizal e Ex-presidente da Associação Remanescente de Quilombos de Umarizal. Fonte: RODRIGUES, 2016, Pág. 31).

Dessa forma, a partir do relato do Senhor Narciso Vieira Vamos é possível entender, o quanto foi difícil foi esse processo de autorreconhecimento Umarizal Beira, muitos conflitos, muita luta e resistência tiveram no caminho, porém nunca desistiram e continuaram firmes e fortes na luta para fazer da comunidade um lugar melhor para os filhos e filhas conterrâneos de Umarizal e Comunidades Vizinhas.

## **1.5. LEMBRANÇAS E MEMÓRIAS: UMA CULTURA ANCESTRAL**

Os moradores dessa vila sempre relataram e continuam relatando suas histórias e suas memórias, principalmente, sobre a fundação do lugar, suas lutas e conquistas. É nesse sentido que trago algo que sempre fez parte da minha vida e do cotidiano dessas pessoas, que é saber contar sua história, ou melhor nossa história, isso é algo fundamental para nós

filhos e filhas destes remanescentes de quilombolas. Sobre isso dona Maria Darci Lopes da Silva relata que:

Antigamente não tínhamos energia [...] nos ia para casa do tio são Caetano, reuníamos todos os jovens no círculo com os mais velhos, e cada um contava uma história, [...] era muito divertido, não tinha muita coisa para fazer [...] a noitinha era só escurecer, tomávamos banho no rio e íamos embora para lá ouvir histórias (Maria Darci, entrevista realiza em 30 de agosto de 2021, às 10 horas da manhã).

É notório a partir deste relato, que repassar as histórias da vila e algo que provem de muito tempo e faz parte da vida e das tradições dos membros da vila. Diante disso, entender nosso passado, também nos ajuda a não esquecer de onde viemos, e por onde passamos, e que caminhos teremos que trilhar para alcançarmos nossos objetivos. Conforme afirma Pinto 2004:

“Ao revisitar a memória de velhos e velhas habitantes de Umarizal, através do relato oral e das histórias de vida, emerge o mito de origem e a reconstituição histórica desse povoado negro rural, originário do antigo quilombo do Paxibal, um reduto de negros livres e escravos fugidos que, refugiados na mata, na época da escravidão, aí se estabeleceram. Hoje, Paxibal é apenas, "uma tapera", como dizem os velhos e as velhas com os quais conversei. O senhor Dico Vilhena, por exemplo, conta que a primeira povoação se constituiu no Paxibal e tinha como líder o "Negro Sinfrônio", isso em meados do século XIX [...] A ida de Sinfrônio para a guerra [do Paraguai] representou para o seu senhor, segundo os relatos orais, uma maneira que este encontrou para castigar um escravo pela insolente rebeldia, o que significava uma afronta a sua honra; não tendo mais como castigá-lo e, também no impasse de não poder matá-lo, pois fazia parte dos seus bens, resolveu castigar o escravo pela sua empáfia mandando-o como recruta para a Guerra do Paraguai - em fins da década de 60 do século XIX. Seria uma solução viável, pois punia o negro escravo rebelde dando-lhe como castigo participação em uma guerra, que possivelmente significaria a sua morte; com isso o dono ainda levaria lucro, pois estava sendo conivente com o Império, já que estava enviando negro para engrossar as fileiras dos combatentes da Guerra. [...] Como condição de entrada, alforriavam-se os escravos, o que também representava um bom negócio para os senhores, indenizados ao fornecer esse tipo de “voluntário” [...]. Os descendentes do "Negro Sinfrônio" afirmam que a sua rebeldia, e ao mesmo tempo valentia, valeu-lhe a vida, pois após a sua participação na guerra voltou livre da escravidão e com o título de capitão. Mas ele não queria a liberdade só para si queria também a liberdade da sua família e do seu povo. Assim sendo, estabeleceu morada nas matas e, na medida do possível, acolhia seus irmãos escravos, que tentavam se livrar da escravidão, fugindo dos seus senhores. Sinfrônio e seu irmão Feliciano Pinto, acompanhados das negras Leonor, Virgilina, Maximiana, Clementina passaram, assim, a liderar um pequeno quilombo nas matas da região Tocantina” (PINTO, 2004, pp. 54; 58).

É notório, a partir das análises de Pinto, que a luta e resistência sempre fizeram parte da vida dos membros da comunidade, marcaram todo o processo de construção do Quilombo de Paxiubal e, posteriormente, o do Quilombo de Umarizal Beira. Visto que, desde o início até a atualidade este povo luta para sobreviver e conquistar seu espaço, ou seja, resistir para existir e manter sua comunidade histórica de pé.

As lutas são constantes para que e as mudanças possam ocorrer, porém isso demanda tempo e esforço principalmente no nosso cotidiano. Além disso, vale ressaltar que, os traços e tradições que fazem parte da vila de Umarizal, e tornam esse povo feliz e alegre ainda continuam como: danças, saberes tradicionais, nossas histórias e lendas, dentre outras coisas que fazem parte da vida deste quilombo.

Outrossim, foi com muito esforço e dedicação que foi possível construir este lugar, as pessoas constituíram famílias, criam seus filhos com oportunidades tendo em vista que muitos conseguiram ingressar em instituições de ensino superior públicas e privadas graças ao empenho e a persistência dessas pessoas para permanecer nesses locais que durante muito tempo lhes foi negado.

Umarizal em toda sua beleza e grandeza é um lugar histórico construído a partir de décadas de conflitos, resistências e lutas, que se fazem parte da historicidade e vivências dos habitantes dessa comunidade. Entender esses processos são fundamentais para realizar a pesquisa e compreender qual tipo de educação escolar quilombola vem sendo desenvolvida na E.M.E.F Poló de Umarizal em específico nas aulas de história das turmas de 8º Ano do ensino fundamental. Reconstruir fragmentos do passado e reiterar-los no presente, nos fez compreender o quanto da ancestralidade vem sendo repassada para os discentes em questão.

## **CAPÍTULO II**

### **A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA DE UMARIZAL BEIRA: UMA ANÁLISE ENTRE COMUNIDADE E ESCOLA**

## 2.1. EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: SUAS LUTAS E DESAFIOS

A educação quilombola é um tema antigo, que já vem sendo discutido a muito tempo, no ensino de história por exemplo sempre foi privilegiado a ação e as realizações de sujeitos que estavam associados a cultura do homem branco e as civilizações europeias. Dessa forma, houve uma tentativa de excluir e a apagar importantes sujeitos de outro corpo social, que são essenciais no processo histórico e na construção de aspectos culturais presentes no país, como as comunidades negras e as populações indígenas.

No decorrer do tempo com as lutas dos movimentos sociais negros e indígenas, foram conquistas importantes políticas afirmativas que valorizam a diversidade étnica e cultural da nação brasileira. Algumas mudanças ocorreram, o que causou transformações consideráveis no âmbito educacional. Uma das medidas tomadas para buscar a valorização das culturas de diferentes povos foi a aprovação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, em todas as escolas do país de ensino fundamental e médio. Já no ano de 2008 se tornou obrigatório o ensino de História e Cultura dos Povos Indígenas com a aprovação da Lei 11.645/2008.

A inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil. A relevância da história desses grupos humanos reside na possibilidade de os estudantes compreenderem o papel das alteridades presentes na sociedade brasileira, comprometerem-se com elas e, ainda, perceberem que existem outros referenciais de produção, circulação e transmissão de conhecimentos, que podem se entrecruzar com aqueles considerados consagrados nos espaços formais de produção de saber. (MEC, 2017. P. 351)

Com base no exposto, os debates sobre uma educação que inclua aspectos que visem as realidades de sujeitos em diferentes condições sociais, vem se intensificando e promovendo a reversão de paradigmas no âmbito educacional. Dessa maneira, importantes avanços nos espaços escolares vêm sendo conquistados para se tornar a educação brasileira mais inclusiva, como por exemplo adequações nos espaços internos e externos das escolas para pessoas com deficiências, ampliação de vagas para a educação indígena e o crescimento de uma educação voltada para o campo.

No que se refere à educação voltada para a valorização das populações negras, existe uma maior necessidade de abordar conteúdos que atendam esse contingente populacional, que ainda não se ver representado e reconhecido nas experiências educacionais. No caso específico da comunidade Umarizal beira, essas experiências foram ainda mais afetadas devidas as problemáticas causadas pela pandemia da Covid-19 no Brasil. O ensino em todo o país teve que ser realizado de forma remota, todavia, causou vários problemas como por exemplo, muitos alunos não possuíam equipamentos necessários para esse tipo de estudo o que acarretou falhas na aprendizagem desses alunos.

Outro problema encontrado na pesquisa foi em relação aos conteúdos que foram produzidos pela secretaria de educação da cidade de baião, conteúdos que não visam a realidade das pessoas da comunidade e nem dialogam com a mesma, não abordam aspectos importantes que levem consideração a história, a memória, e ancestralidade do lugar.

A comunidade de Umarizal é um espaço antigo construído com luta e resistência, a educação desde o passado até os dias de hoje foi e continua sendo um grande desafio para os habitantes da vila. Antigamente dentro do quilombo, não existiram escolas durante muito tempo, as crianças tinham que andar quilômetros a pé até a comunidade vizinha denominada fortaleza, era onde ficava localizada a única escola nas proximidades, conforme dona Lúcia de Farias, 85 anos diz em sua fala:

Acordava todo dia a cinco da manhã, levava o peixe. Era difícil, por isso que muita gente era burro, não era fácil [...]Não tinha serie, era o nível, primeiro nível, segundo nível, terceiro nível, quarto nível. Naquela época era rígido mesmo, se erra-se ficava de catingo. O professor Manuel Sampaio era professor dos mais velhos, e quando fizeram a primeira escola dentro do Umarizal, colocaram o nome dele (Lucia de Farias Entrevista realizada 15 de julho de 2021).

Segundo moradores, depois de muito tempo que na vila passou a ter aulas, entretanto, na comunidade não tinha um espaço escolar físico para se fazer as aulas, então uma forma que a prefeitura de baião e a comunidade conseguiram achar para resolver o problema foi alugar as casas maiores da vila para usar como salas de aulas, parte dos alunos também estudavam em barracões cedidos pela vila, foi dessa forma que muitos conseguiram ter acesso à educação escolar.

Somente começou a ser construída na vila, a primeira escola, no ano de 1965 que recebeu o nome de Professor Manoel Bandeira em homenagem ao primeiro professor que

deu aulas na comunidade, vale lembrar que esse professor não residia na vila. Essa escola passou a funcionar em 1968 graças a portaria 558/02CEE, esta escola possuía as etapas de primeira à quarta série. Hoje a escola foi desativada, pois não teve mais estrutura para funcionar atendendo as necessidades da comunidade, entretanto, o prédio ainda se mantém preservado e se tornou um importante patrimônio histórico da vila, mas que com o passar do tempo acabou sendo tomado pelo mato.

A segunda escola que existiu na vila foi a escola Altamira Lemos, está possuía uma estrutura com duas salas de aulas e dois banheiros. Recebeu esse nome em homenagem a segunda professora que trabalhou na vila que também atendia em casas e barracões, ela também trabalhou na vila mas pertencia a cidade de Baião. Essa escola hoje não existe mais, pois teve que ser destruída para ser aberta novas ruas e também para o aumento da sede principal de eventos da vila.

No mais, mesmo após a chegada dessas escolas em Umarizal a educação ainda continuava sendo bastante precária, para se ter uma ideia até o ano de 1976, quem conseguia se formar nas etapas de 1º à 4º série já estava apto a atuar como professores em salas de aula. Por esse motivo muitos ex-alunos dessas escolas passaram a ser professores no futuro e atuando na vila, mas no período não se tinha nenhum profissional da educação com nível médio e muito menos superior.

As dificuldades enfrentadas na época para se conseguir terminar os estudos eram muito grande, os habitantes da vila que desejassem finalizar sua educação com pelo menos o ensino médio tinha que se deslocar até a cidade de Baião ou outras localidades próximas para encarar a esperança de construir um futuro melhor para si e seus familiares. O primeiro passo era encontrar um lugar para se hospedar. O principal problema era que as pessoas tendiam a preferir meninas, tendo em vista, que em teoria as meninas eram mais preparadas para “cuidar do lar”, o que acabava dificultando para os meninos que queriam seguir na vida acadêmica. Mesmo assim, com todas as dificuldades muitos conseguiam conciliar o trabalho doméstico com as sala de aula, isso fica evidente na fala do professor Nilton Lopes de Farias Ex-Prefeito da cidade de Baião e Filho desta linda terra que é Umarizal Beira:

As moças iam trabalhar em casas de família como empregada doméstica, para cuidar da casa dos filhos dos patrões etc. Já os rapazes não tinham a mesma sorte poucas pessoas aceitavam que eles morassem em suas casas, pois não sabiam fazer serviços de casa; mas os poucos que arriscam ir para Baião estudavam a noite e trabalhavam de dia,

carregando madeira, capinando quintais e outras coisas. (Nilton Lopes de Farias)

Os dias foram difíceis, desafios e obstáculos tiveram que ser enfrentados em busca oportunidades melhores em um momento da história que nos eram oferecidas bem poucas. Apesar do desejo de seguir em frente e terminar os estudos, muitos meninos e meninas remanescentes de quilombolas acabavam desistindo no meio do caminho por não aguentar a rotina exaustiva, o que causava um grande número de retornos para a comunidade.

Todavia, mesmo os que ficavam na cidade muitas vezes não conseguiam permanecer devidas as muitas dificuldades enfrentadas no caminho, porém os poucos que conseguiam tinham que enfrentar um outro problema o racismo estrutural na sociedade. Sobre isso Nilton Lopes de Farias nos narra o seguinte fato:

Quando eu cursei Universidade em Castanhal, na minha sala de aula, eu era o único negro. Mas meus colegas me olhavam torto pela cor da minha pele. Conseguir me formar, porque fui ajudado por muita gente, muita gente mesmo, como o padre Tiago que gostava muito de mim. A comunidade também fazia mutirão para a recarregar dinheiro, para me ajudar. Mas não foi fácil, não era fácil para ninguém, foram tantos colegas meus, inteligentes e capacitados que não aguentaram estudar fora devido as dificuldades. Infelizmente eles acabaram ficando pelo meio do caminho (Nilton Lopes de Farias, entrevista realizada em 10 de setembro de 2021).

Atualmente, com o auxílio da lei das cotas raciais um maior número de negros quilombolas de Umarizal conseguiram adentrar os espaços das universidades federais. Sobre isso, é importante dizer que apesar do esforço para enegrecer esses espaços ainda há muito a ser feito dado o contingente de alunos negros dentro das universidades em comparação aos brancos. Na comunidade de Umarizal ao todo existiram 4 escolas são essas: Manoel Sampaio já citada acima que encontra – se hoje desativada, Altamira Lemos que foi destruída, a Escola Municipal Ensino Fundamental de Umarizal (POLO) que está funcionando que é o foco da pesquisa e atende alunos do 1º ao 9º Ano do ensino fundamental. Existe também a Escola Deolindo Melo ou Sorriso da Criança hoje voltada a atender as crianças da educação infantil, e também o ensino médio no sistema modular que funciona a noite, o que dificulta bastante o aprendizado dos alunos pois as aulas ocorrem geralmente em 15 e 15 dias.

Como já citado está pesquisa frisou a E.M.E.F. Poló de Umarizal, em específico as turmas de 8º ano do ensino fundamental que foram realizadas no sistema ERE (Ensino

Remoto Emergencial) devido a pandemia do vírus covid19. Esta escola possui 6 salas de aulas, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de reunião, banheiros masculinos e feminino para alunos, uma área de lazer, cozinha, secretária, diretoria e uma quadra de esportes. Esta escola foi construída em parceria entre a prefeitura de Baião e a empresa Eletrobras, foi inaugurada em Fevereiro de 2012 pelo Prefeito Nilton Lopes de Farias.

A escola atende a 497 alunos que estão situados em Umarizal Beira, Umarizal Centro, Paritá-Miri, Florestão, e Boa Vista que são comunidades próximas, isso exige uma demanda de aproximadamente 150 alunos que necessitam de transporte escolar. Possui também um quadro de 74 funcionários são estes: uma Diretora, um vice diretor, uma coordenadora pedagógica, uma secretária, dois auxiliares de secretaria, uma coordenação da educação infantil e uma coordenação da EJA, 34 professores, 25 serventes, uma merendeira, e cinco vigias, todos filhos e filhas residentes de Umarizal Beira.

Segundo a diretora da escola o currículo da escola aborda e procura dar conta da questões culturais da vila, nem sempre é tarefa fácil, porém pelo fato de todos os professores serem de Umarizal facilita um pouco pois são conhecedores da cultura local, havia também uma disciplina específica sobre a cultura afro brasileira na escola, toda via, por questões internas essa disciplina passou a ser interdisciplinar e não mais obrigatória no currículo.

Essa já era realidade do dia a dia da escola em questão, porém teve que se adaptada a modalidade que pandemia obrigou. Dessa forma, as análises aqui feitas levaram em consideração modo que o ensino remoto foi desenvolvido em Umarizal, se apesar dos desafios dessa modalidade a escola conseguiu manter esse diálogo com o meio em que está inserida. A comunidade quilombola de Umarizal é rica em historicidade, lendas, saberes tradicionais, e cultura, e fazer desse conhecimento e um dos melhores métodos para se fazer um educação quilombola de qualidade pelos docentes.

**Imagem 14: Fachada E.M.E.F. de Umarizal (POLO)**



**Fonte: Costa, 2021.**

Na cidade de Baião a secretária de educação (SEMED) adotou o esquema de aulas com duas modalidades a primeira por meio remoto geralmente por grupos de turmas no Whatsapp ou em outras redes sociais que permitem interação em grupo como Google Meet, claro que com o auxílio dos professores. Já na segunda os pais dos alunos tinham que ir à escola uma vez por semana para pegar um material que era entregue pela escola produzido pela prefeitura municipal através da (SEMED) ou pelos próprios professores, depois na data marcada os pais tinham que entregar esse material resolvido para os professores, em Umarizal realizar esse tipo de educação foi muito difícil. Nesse sentido a lei 12.771 diz:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das

escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (BRASIL, 2012, p. 1).

A lei é clara no que diz respeito ao tipo de educação a ser abordada nas comunidades, porém, é notório a partir das análises feitas que grande parte dos cadernos de atividades desenvolvidos pela cidade, não dialogavam com as realidades dos discentes. Outro problema enfrentado pela escola e o acesso à internet, pois, na comunidade esse acesso é escasso e nem todos conseguem ter, e os que tem, nem sempre possuem uma conexão de qualidade o que dificultou dos professores conseguirem se comunicar com os alunos.

Segundo a Diretora da Escola Poló Ivana dos Santos Rodrigues, em Umarizal só foi possível realizar a segunda modalidade, pois poucos alunos tinham celulares, isso atrelado aos problemas já citados. Ainda segundo a mesma, um dos grandes desafios da escola foi fazer com que os alunos conseguissem ter acesso as suas tarefas, tendo em vista, que muitos pais trabalham durante o dia em suas roças, na pesca, entre outros, e se tornava difícil conseguir buscar e entregar as atividades de seus filhos, toda via, uma das formas que escola encontrou de driblar isto foi com a ajuda dos professores, muitos ia levar e trazer as atividades e as provas dos alunos em suas casas.

É possível ressaltar ainda que, ao analisar os conteúdos que tinham no caderno de atividades, é notório que sim existe uma preocupação de alguns professores em integrar o conhecimentos locais em suas aulas, porém grande parte do material que foi feito pela secretária de educação, não visavam as realidades das comunidades quilombolas, basicamente eram os mesmos matérias feitos para cidade com pequenas modificações dos professores da vila. Isso fica evidente na fala da Mãe de um aluno da comunidade que chamaremos aqui de Mãe 1 ela diz:

Já era difícil antes da pandemia para as crianças da vila, agora se tornou ainda mais. Meu filho já tinha dificuldade em entender os matérias produzidos pelos professores da vila. Ainda mais esses vindo de fora que são bem mais difíceis, esses matérias não entendem as nossas realidades e nossas dificuldades. (Mãe 1)

Com a narrativa da mãe 1, é possível afirmar que, os conteúdos abordados nas aulas se tornaram ainda mais difíceis para os alunos da comunidade de Umarizal, pois concentra – se a um outro tipo de público que não tem uma carga histórica e ancestral. Nesse sentido, constituir uma educação inclusiva visando as realidades dos envolvidos se torna um desafio ainda maior em tempos pandêmicos.

## **2.2. A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA COMO RESISTÊNCIA DE SUAS COMUNIDADES E CULTURAS**

A educação Quilombola que acontece dentro das comunidades, se dá por meio do compartilhamento dos conhecimentos que são adquiridos e repassados pelos membros desse espaço. Por sua vez, a educação escolar quilombola vai visar um diálogo entre os saberes da comunidade e o currículo escolar. Diante disso, a educação dentro das comunidades quilombolas ganhou importantes avanços no decorrer do tempo, que são frutos das lutas travadas pelos movimentos negros na busca por mais direitos e posições igualitárias dentro da sociedade e nas universidades. Por efeito disso, em Umarizal Beira isto fica evidente dentro do espaço da comunidade, tendo em vista, que nos dias atuais existem uma maior presença de médicos, enfermeiros, professores, engenheiros, psicólogos, nutricionistas e até agrônomos, todos formados e atuando na vila.

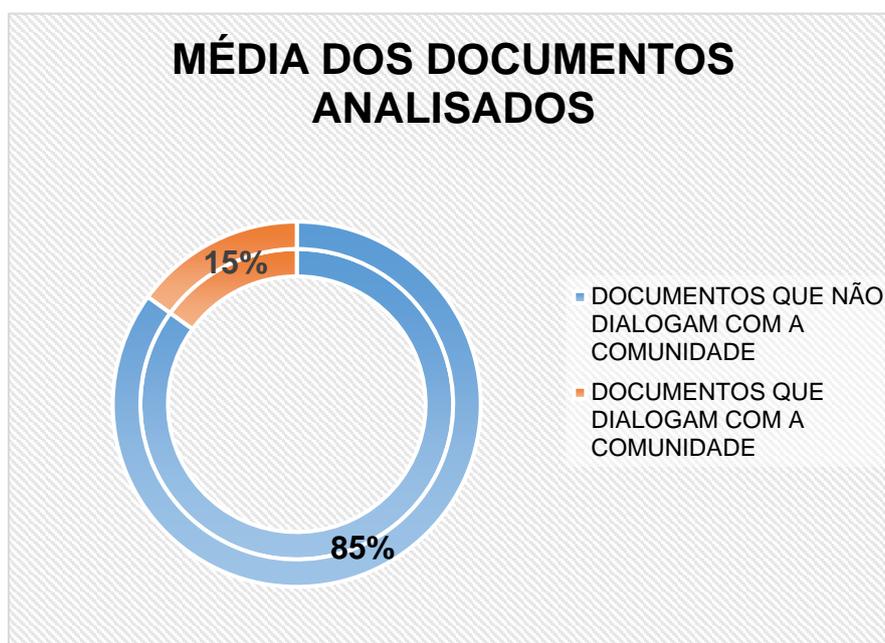
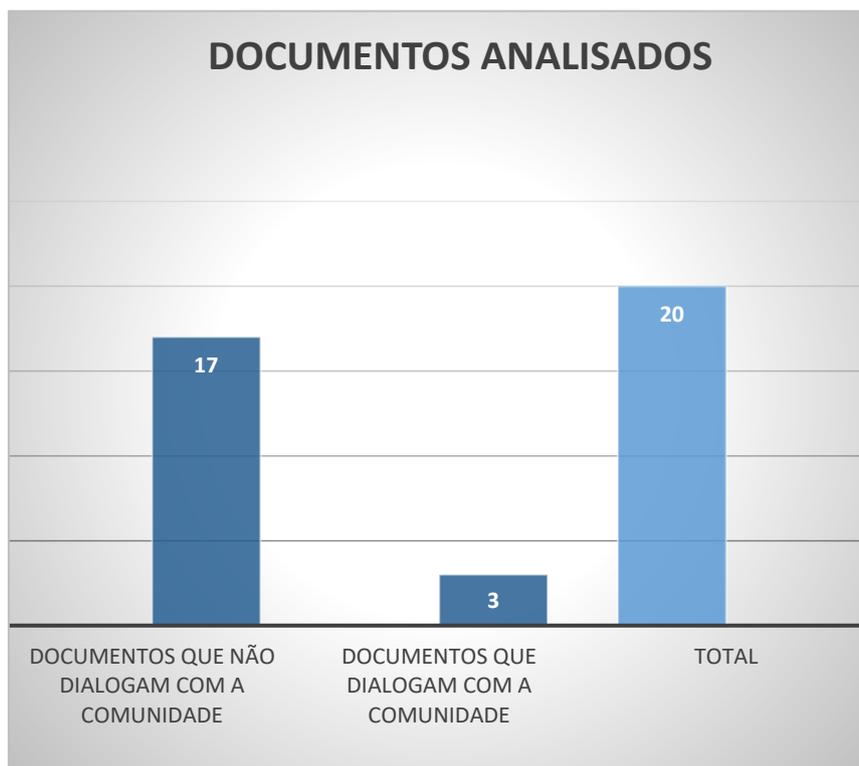
Com aprovação da lei de cotas 12.771 de 2012 que sancionou a reserva de 50% das vagas nas instituições superiores para candidatos quilombolas e indígenas. O Processo Seletivo Especial(PSE) ou como foi Apelidada por nós membros das comunidades como “Prova dos Quilombolas e Indígenas”, foi através desta lei que vários estudantes quilombolas da comunidade conseguiram ingressar nos cursos universitários, grandes esforços para tanto são feitos afim de promover que cada vez mais discentes consigam adentrar os espaços superiores. A prova é dividida em duas fases, a primeira consiste em uma prova de redação de caráter eliminatório com nota mínima a ser alcançada de 4 pontos para poder seguir para segunda fase que é a entrevista individual com os estudantes que também é eliminatória como nota máxima a ser alcançada de 10 pontos. A soma das notas das duas fases dão ao candidato ou não a vaga.

## **RESULTADOS E DISCURSÕES:**

A pesquisa considerou aspectos metodológicos com abordagem qualitativa, para tanto se fez uso da análise documental dos materiais utilizados pelos professores nas aulas. Ainda se analisou os cadernos corrigidos e as provas aplicadas para os discentes. Arelados aos relatos de Alunos e Professores da escola pesquisa, todos esses pontos foram essenciais para se adquirir os dados da pesquisa.

A partir da verificação do caderno de um aluno do 8º que chamaremos aqui de “Aluno A”, foram coletados 20 documentos utilizados nas aulas de história da E.M.E.F. de Umarizal (POLÓ) no período de Março a Agosto de 2021. Na análise constatou-se que dos 20 matérias coletados, apenas 3 discutiam algum aspecto relacionado as questões étnicas, e 17 não traziam nenhum conceito relevante que dialogassem com a ancestralidade, cultura ou qualquer um dos saberes tradicionais presentes em Umarizal, mas por que isso? Conversando com a Diretora da escola, foi-me relatado que na escola “POLÓ” tem sim um PPP voltado para as realidades dos alunos, que muitos professores buscam integra-los nas aulas. Entretanto, muitos destes conteúdos que estão presentes no currículo não são abordados em sala de aula, devida a dificuldade que alguns professores encontram e ter que seguir também o currículo da cidade.

O PPP da cidade que é feito pela secretária de educação (SEMED), é seguido por muitas escolas do município, o que acaba se tornando um problema ao tentar promover uma educação quilombola de qualidade, como assegura a lei 10.639 / 2003, isto é uma educação que levem em consideração a memória do coletivo da comunidade, buscando resgatar raízes para dialogar com o conteúdo escolar. Tendo em vista, que os docentes tem que dá conta dos conteúdos que são exigidos pela cidade e ainda dos solicitados pela comunidade. Por isso, nos documentos analisados poucos traziam aspectos relacionados a vila, como demonstram os gráficos abaixo:



Diante disso, percebemos com a análises dos gráficos que são bem poucos os documentos que trazem algum aspecto relacionado a comunidade cerca de apenas 15% dos matérias analisados traziam algum dialogo com comunidade. Ou seja, mais de 85%

dos conteúdos tinham que cobrir o currículo da cidade deixando pouco espaço para o da comunidade.

Apesar das dificuldades, a escola e os professores(as) tentam a todo momento fazer ações que resgatem a historicidade da comunidade, é no ano de 2017 aconteceu um evento que foi promovido pela professora de português Evanda Vieira onde os alunos tiveram que escrever textos sobre as histórias e lendas da vila e depois socializar com os colegas, foi um momento muito importante de aprendizado é um recurso muito eficaz para se aprender de forma lúdica, pois as crianças poderão contar e ouvir histórias que foram contadas por seus familiares, avós, pais, tios e tias histórias que fizeram e fazem parte das suas vidas, sobre o passado que resgata as heranças históricas da vila, esse método é um bom exemplo de como fazer uma educação quilombola voltada para a realidade dos alunos.

**Imagem 15: Dia da Apresentação do Evento de 2017.**



**Fonte: Cruz, 2017.**

Outro bom exemplo, foi no dia 20 de novembro 2021, no dia da consciência negra a escola promoveu uma exposição com textos escritos pelos alunos, artefatos antigos, e apresentações de peças teatrais que relatam a história da vila e resgatam suas memórias, esse tipo de ação é muito importante para criar consciência nos alunos e reconhecerem sua identidade enquanto sujeitos quilombolas. Por meio desses eventos os alunos e a

comunidade são beneficiados. Esse é um dos métodos utilizado que possibilita uma educação inclusiva assim resgatando as raízes e os aspectos culturais do Umarizal.

**Imagem 16: Mural Criado pelos Alunos no dia da consciência negra em 2021.**



**Fonte: Costa, 2021.**

Portanto, como podemos ver é possível fazer uma educação que relacione comunidade e escola. Temos esses exemplos que são importantes para compreender que são poucas as oportunidades que isso é colocado em prática pelos muitos fatores já citados nesse trabalho, mas quando essas oportunidades surgem os saberes tradicionais da vila são trazidos para as aulas, e nessas oportunidades surgem trabalhos excepcionais, que revelam o esforço que muitos professores da escola pesquisada tentam para abraçar uma educação quilombola com traços preservados, associados momentos únicos e lúdicos, promovendo com isso o diálogo entre a comunidade de Umarizal Beira e a escola Municipal de Ensino Fundamental de Umarizal(POLÓ).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historicidade, a memória, a cultura, as lendas, o seus modos de vida de Umarizal são aspectos herdados e repassados por seus ancestrais, e trazem consigo essa bagagem cultural deixada pelos povos africanos escravizados no Brasil, esse histórico de luta, resistência e esperança se torna ainda mais presente nos dias atuais. Nesse sentido, a pesquisa se propôs a entender como essa herança vem sendo repassada para as novas gerações, o dialogo abarcam essa carga cultural entre escola e comunidade.

Partindo desse pressuposto, me propôs aqui investigar nesta pesquisa como a Educação Quilombola de Umarizal Município de Baião/PA, vem sendo Desenvolvida na Comunidade, busquei reconstruir o histórico que precedia a vila, pois entender os primórdios de sua fundação e de suma importância na formação de seus sujeitos, desde o primeiro quilombo de Paxiubal até a criação de Umarizal, tudo para resgatar a história da comunidade de Umarizal, seus saberes tradicionais, religiões e culturas, e ainda qual seu significado para os membros da comunidade.

A educação quilombola ainda hoje é um grande desafio para o Brasil, e para as próprias comunidades quilombolas, muitas não tem estrutura e nem espaços físicos para conseguir promover as aulas e muito menos recursos para fazer eventos, palestras, ou qualquer coisa que resgate as suas culturas. Dessa forma, em Umarizal existe uma tentativa explícita de buscar resgatar suas raízes e essa sua carga cultural nas aulas, no entanto, dar conta dessa tarefa se torna um pouco complicado dado o currículo que tenta puxar a todo tempo para as outras realidades. Toda via, esse é um trabalho minucioso que requer cuidado, é que ainda vai demandar algum tempo e esforço da comunidade e da escola, para se conseguir fazer realmente uma educação quilombola que seja atribuída aos seus aspectos culturais da comunidade.

## **FONTES UTILIZADAS NA PESQUISA:**

### **a) FONTES ORAIS:**

Pedro de Farias, 85 anos, um dos guardiões das histórias e memórias a respeito dos quilombos de Paxiubal e Umarizal.

Dona Lucia De Farias, 83 Anos, Uma das Grandes Portadoras da História de Umarizal).  
Sennhor Panfilo Machado, morador de Umarizal.

Narciso Vieira Ramos, 70 Anos, morador de Umarizal e Ex-presidente da Associação Remanescente de Quilombos de Umarizal.

Dona Maria Darci Lopes da Silva, moradora de Umarizal .

Nilton Lopes de Farias Ex-Prefeito de Baião e Filho de Umarizal Beira.

Mães de alunos.

Alunos

### **c) FONTES IMAGÉTICAS:**

Mapa da região do Baixo Tocantins.

Imagens fotográfica feitas no decorrer da pesquisa

### **d) FONTES ESCRITAS:**

Caderno de atividade dos alunos

Atas das reuniões da Associação Quilombola local

Certidão de regularização da comunidade fornecida pelo governo do Estado do Pará e governo Federal

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, A. W. B. A dimensão política dos “conhecimentos tradicionais” na Amazônia. In: Cadernos CEAS – Centro de Estudos e Ação Social. Salvador, 2005.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 ago. 2012.

BRASIL. Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm)

CRUZ, Elda Serrão. As Lendas Na Escola: Uma Proposta Para O Ensino Da Leitura E Da escrita De Alunos Do 5º Ao 9º Ano Da Escola Polo De Umarizal, Baião-Pa. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Letras do Campus Universitário de Cameté/ Núcleo de Baião. 2018.

SANTOS, Idelette Muzart Fonseca. Escrituras da voz e memória do texto: abordagens atuais da literatura popular brasileira. In: BERND, Zilé e MIGOZZI, Jacques. (orgs.). Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995, 143 p

SOUZA, M. de M. A descoberta da África. In. FIGUEIREDO, Luciano (Org.). Raízes Africanas. Rio de Janeiro, RJ: Editor Sabin, 2009.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por antropologia da territorialidade. Série Antropologia, Brasília, n. 322, p.1-32, 2002.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes; PINHO, V. A.; GRANDO, B. S. História, Memória e Educação dos Remanescentes Quilombolas de Boa Esperança – Pará. In: Trabalho Necessário. v.18, p.115 - 138, 2020.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Escravidão, Fuga e a memória de Quilombos na Região do Tocantins – Pará. In: Revista Projeto História nº 22 – História e Oralidade- PUC/São Paulo, 2001.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Samba de cacete: ecos de tambores africanos na Amazônia Tocantina. In: Tambores e batuques Sonora Brasil/ Circuito 2013 – 2014. Rio de Janeiro: Sesc. Departamento Nacional, 2014.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Filhas das Matas: práticas e saberes de mulheres quilombolas na Amazônia Tocantina. Belém: Editora Açaí, 2010.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Memória, oralidade, danças, cantorias e rituais em um povoado Amazônico. Cametá: BCMP Editora: Cametá, 2007.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos. Paka Tatu: Belém, 2004.

PINTO, B. C. de M. Os Remanescentes de Quilombolas na Região do Tocantins (PA): História, Cultura, Educação e Lutas por melhores condições de vida. In: BRAGA, M. L. de S.; SOUZA, E. P. de; PINTO, A. F. de M. (org.). Dimensões da Inclusão no Ensino médio: mercado de trabalho, religiosidade e educação quilombola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

RODRIGUES, Ivana Dos Santos. Samba De Cacete: Oralidade Que Representa O Povo Quilombola De Umarizal No Município De Baião, Pará. Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Letras do Campus Universitário de Cametá/ Núcleo de Baião. 2016.

SOUSA, Joatan Soares. Saberes Tradicionais Dos Remanescentes De Quilombolas Da Comunidade Umarizal (Baião/Pa). Dissertação De Mestrado Apresentada Ao Programa De Pós-Graduação Em Educação E Cultura Da Universidade Federal Do Pará, Campus Universitário Do Tocantins/Cametá. 2018.

**ANEXOS:**

Figura 1: Praça De Umarizal



Fonte: Costa, 2021.

Figura 2: Ramal Do Círio De Santíssima



Fonte: Costa, 2021.

Figura 3: Espaço De Lazer Complexo Ver-O-Rio



Fonte: Costa, 2021.

Figura 4: Praia De Umarizal



Fonte: Costa, 2021.

Figura 5: Entrada da E.M.E.F de Umarizal.



Fonte: Costa, 2021.

Figura 6: Quadra da E.M.E.F de Umarizal.



Fonte: Costa, 2021.

Figura 7: Biblioteca da E.M.E.F de Umarizal.



Fonte: Costa, 2021.

Figura 8: Sala de aula da E.M.E.F de Umarizal.



Fonte: Costa, 2021